

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM
TEOLOGIA

LEILA MICAELA CAVALCANTE DOS SANTOS

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL, A PARTIR DO PENSAMENTO DE RUBEM ALVES ACERCA DA
EDUCAÇÃO E DA TEOLOGIA

São Leopoldo
2024

LEILA MICAELA CAVALCANTE DOS SANTOS

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL, A PARTIR DO PENSAMENTO DE RUBEM ALVES ACERCA DA
EDUCAÇÃO E DA TEOLOGIA

Trabalho Final de Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestra em Teologia Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação Mestrado
Profissional em Teologia
Área de Concentração: Teologia Prática
Linha de Atuação: Educação Comunitária
com Infância e Juventude.

Pessoa Orientadora: Iuri Andréas Reblin

São Leopoldo

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S237p Santos, Leila Micaela Cavalcante dos
Práticas pedagógicas para os anos iniciais do ensino fundamental, a partir do pensamento de Rubem Alves acerca da educação e da teologia. / Leila Micaela Cavalcante dos Santos; orientador Iuri Andréas Reblin – São Leopoldo : EST/PPG, 2024.
75 p. : il. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST.
Programa de Pós-Graduação. Mestrado Profissional em Teologia. São Leopoldo, 2024.

1. Teologia. 2. Prática de ensino. 3. Ensino fundamental. 4. Alves, Rubem. I. Reblin, Iuri Andréas, orientador. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

Leila Micaela Cavalcante dos Santos

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL, A PARTIR DO PENSAMENTO DE RUBEM ALVES ACERCA DA
EDUCAÇÃO E DA TEOLOGIA**

Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Religião e Educação
Linha de atuação: Educação Comunitária com
Infância e Juventude

Data de Aprovação: 17 de junho de 2024

PROF. DR. Iuri Andreás Reblin (PRESIDENTE)
Assinado digitalmente

PROF. DR. Laude Erandi Brandenburg (EST)
Assinado digitalmente

PROF. DR. Monica Pinz Alves (FABAPAR)
Docente visitante

Assinado
digitalmente por:
Iuri Andreás Reblin
Data: 19/06/2024
08:58:45 -03:00



Assinado
digitalmente por:
Laude Erandi
Brandenburg
Data: 19/06/2024
15:43:25 -03:00



*Dedico esse trabalho a toda minha
família.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, em especial a minha mãe/avó Iracema Cavalcante, cujo amor incondicional e apoio inabalável sempre foram minha âncora nos momentos difíceis e meu farol nos momentos de escuridão. Seu exemplo de perseverança e dedicação à família é minha inspiração constante.

Ao meu esposo, Francisco Pereira dos Santos (GEOVANE) companheiro de todas as horas, que esteve ao meu lado em cada passo desta jornada, sempre me encorajando, me motivando e compartilhando minhas alegrias e preocupações. Seu amor e apoio são os pilares que sustentam nossa família, meu caminho e gratidão.

Aos meus filhos, vocês são a razão pela qual me esforcei tanto, a razão pela qual nunca desisti, mesmo diante dos desafios mais árduos.

Que este trabalho seja não apenas um testemunho do meu esforço, mas também um legado do amor e da dedicação que tenho por vocês. Que cada página escrita seja uma expressão do desejo de construir um futuro melhor para vocês, inspirado pelo amor de uma mãe que se esforça para ser o melhor exemplo possível.

Meus amados filhos, obrigado por serem minha inspiração, minha força e minha razão de ser. Que cada conquista que alcancei seja também uma celebração de vocês e do amor incondicional que compartilhamos.

A instituição, ao meu orientador e a todos que estiveram envolvidos direta e indiretamente.

Meu muito obrigada!

Ler é fazer amor com as palavras.

Rubem Alves.

RESUMO

Rubem Alves não desenvolveu uma teoria de forma sistematizada e acadêmica a respeito do seu pensamento pedagógico. O que de fato pode ser encontrado sobre o assunto está, sobretudo, em suas crônicas e textos, elaborados de forma poética, mas alinhados com sua concepção de ser humano. E nesse trabalho, propriamente dito, faz-se uma análise a respeito da educação e teologia sendo usados nas práticas pedagógicas dos anos iniciais do ensino fundamental. O objetivo do presente estudo consiste em verificar como o pensamento de Rubem Alves acerca da educação e da teologia pode ser traduzido em práticas pedagógicas para os anos iniciais do ensino fundamental. A partir da classificação de Antonio Carlos Gil, esta é uma pesquisa de natureza básica, de abordagem qualitativa, de realização exploratória e, quando aos procedimentos, bibliográfica. Nesse sentido, os resultados ora apontados no estudo mostram que Alves realiza um apontamento em relação ao sistema educacional pelo fato do mesmo se ater unicamente à esfera intelectual na busca de responder às demandas colocadas por uma racionalidade funcional. Assim, essa realidade fica vinculada à ordem social e econômica existente, com uma única preocupação em realizar o princípio da produtividade e do desempenho, fundamentos que norteiam a nossa ordem econômica, cultural e social. Nela, o ser humano aparece como uma peça na engrenagem e a vida é submetida à tortura de uma lógica que não lhe deixa desenvolver suas potencialidades, usando nem de sua liberdade e muito menos de sua criatividade. Conclui-se que uma educação com foco somente em preparar pessoas para desempenhar funções, em transmitir conteúdo culturais, doméstica, deforma, desumaniza não é válida. Alves nunca negou a importância da cultura e de sua transmissão, muito menos da cultura estabelecida e a necessidade dela para nossa inserção no mundo humano, para que possamos usufruí-la em função nossa sobrevivência. Nesse sentido, para fortalecer o ensino, a relação professor e discente, a liberdade de ambos, toda as metodologias de ensino precisam ser diversas, plurais e criativas, de responsabilidade de um coletivo de educadores e não de professores que se isolam sozinhos e ficam fechados por horas em suas salas de aula. No fundo, as metodologias direcionadas a educação e teologia nos mostram que não existem limites nas formas de aprender e ensinar, porque os humanos também são infinitos em sua capacidade de criar variadas formas de aprender. Aqui finalmente mostra-se a importância do conceito de Educação Integral. Assim, a educação inclusiva, semelhantemente à educação integral, proporciona alterações no meio social dos discentes, da escola e da comunidade escolar. Portanto, a Educação Integral e a Educação Inclusiva compactuam com os mesmos princípios quanto ao papel central da Escola em articular estratégias de ensino que potencializam uma real – qualitativa e significativa – aprendizagem para todos os discentes e diminuam as inúmeras desigualdades socioculturais e educacionais que permanecem na Educação do nosso país.

Palavras-chave: Teologia. Educação Integral. Prática Educativa. Práticas Pedagógicas e Rubem Alves.

ABSTRACT

Rubem Alves did not develop a theory in a systematic and academic way regarding his pedagogical thinking. What can actually be found on the subject is, above all, in his chronicles and texts, written in a poetic way, but aligned with his conception of man. And in this work, itself, a caveat is made regarding education and theology being used in pedagogical practices in the early years of elementary school. The objective of the present study is to verify how Rubem Alves' thoughts about education and theology can be translated into pedagogical practices for the initial years of elementary school. Based on Antonio Carlos Gil's classification, this is research of a basic nature, with a qualitative approach, exploratory and, when it comes to procedures, bibliographical. In this sense, the results highlighted in the study show that Alves makes a clear criticism of the educational system due to the fact that it focuses solely on the intellectual sphere in the quest to respond to the demands posed by functional rationality. Thus, this reality is linked to the existing social and economic order, with a single concern to achieve the principle of productivity and performance, foundations that guide our economic, cultural and social order. In it, man appears as a cog in the wheel and life is subjected to the torture of a logic that does not allow him to develop his potential, using neither his freedom nor his creativity. It is concluded that an education focused only on preparing people to perform functions, on transmitting cultural, domestic, deforming and dehumanizing content is not valid. Alves never denied the importance of culture and its transmission, much less of established culture and the need for it for our insertion in the human world, so that we can enjoy it for our survival. In this sense, to strengthen teaching, the teacher and student relationship, the freedom of both, all teaching methodologies need to be diverse, plural and creative, the responsibility of a collective of educators and not of teachers who isolate themselves alone and remain closed. for hours in their classrooms. Basically, methodologies aimed at education and theology show us that there are no limits to the ways of learning and teaching, because humans are also infinite in their ability to create different ways of learning. Here the importance of the concept of Integral Education is finally shown. Thus, inclusive education, similarly to comprehensive education, provides changes in the social environment of students, the school and the school community. Therefore, Integral Education and Inclusive Education agree with the same principles regarding the central role of the School in articulating teaching strategies that enhance real – qualitative and meaningful – learning for all students and reduce the numerous sociocultural and educational inequalities that remain in the Education in our country.

Keywords: Theology. Integral Education. Educational Practice. Pedagogical Practices and Rubem Alves.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 RUBEM ALVES: POR UMA EDUCAÇÃO INTEGRAL.....	12
2.1 Compreendendo um breve apanhado sobre a história da Educação	13
2.2 Rubem Alves: Educação e teologia	18
2.3 A espiritualidade nas reflexões sobre educação de Rubem Alves	26
3 RUBEM ALVES: PILARES PARA A PRÁTICA EDUCATIVA.....	37
3.1 A curiosidade (Aprender a conhecer).....	Erro! Indicador não definido.8
3.2 O pensamento crítico (Aprender a fazer)	511
3.3 A importância da relação entre currículo e vida (Aprender a conviver)	52
3.4 O exercício criativo da imaginação (Aprender a ser)	54
4 RUBEM ALVES: PENSAMENTO TRADUZIDO EM AÇÕES PEDAGÓGICAS	57
4.1 Plano de aula: De Platão a Rubem Alves: Eros na educação contemporânea	58
4.2 Plano de aula: O pilar da educação “aprender a conviver”, pode ser explorado através do teatro?.....	62
4.3 Plano de aula: Rubem Alves e as metodologias ativas, um debate a partir da leitura do livro “A Operação de Lili”	66
REFERÊNCIAS	69

1 INTRODUÇÃO

Rubem Alves foi considerado como sendo um dos nomes mais relevantes e multifacetados da intelectualidade contemporânea. Além de ser um educador diferente de uma boa maioria, foi teólogo, escritor, filósofo, psicanalista e pastor presbiteriano. O educador não concordava com a escola tradicional e defendia uma educação que transportasse a pessoa estudante para fora da sua zona de conforto. Defensor de uma educação que presava pelo afeto, acabou influenciando várias gerações de educadores, quando buscava estabelecer uma escola mais humana.

De posse dessa linha de raciocínio, chegou-se ao tema “Práticas pedagógicas para os anos iniciais do Ensino Fundamental, a partir do pensamento de Rubem Alves acerca da educação e da teologia”. Diante do exposto, a problemática levantada nesse estudo é a seguinte: como o pensamento de Rubem Alves acerca da educação e da teologia pode se traduzir em práticas pedagógicas para os anos iniciais do ensino fundamental?

O objetivo do presente estudo consiste em verificar como o pensamento de Rubem Alves acerca da educação e da teologia pode ser traduzido em práticas pedagógicas para os anos iniciais do ensino fundamental. Para tanto, os objetivos específicos consistiram em caracterizar a relação entre educação e teologia no pensamento de Rubem Alves; apresentar três pilares da educação para Rubem Alves; traduzir os três pilares apresentados em práticas pedagógicas para os anos iniciais do ensino fundamental.

Rubem Alves pensou tanto na educação quanto a teologia a partir do ser humano como centro. Educação e teologia integram um mesmo princípio de buscar sobrevivência e sentido no mundo. Nessa direção, o cerne de seu pensamento acerca da educação expressa uma preocupação com a vida em sua integralidade e o fornecimento de ferramentas capazes de manter um espírito crítico e, ao mesmo tempo, otimista sobre o mundo e as pessoas e as relações. A educação é responsável por gestar o novo, de modo que os quatro pilares da educação (aprender, fazer, ser e conviver) podem ser condensados na tríade ver – pensar – inventar (ou ver – julgar – agir). E isso, na perspectiva de Rubem Alves, não acontece por meio de “passar a matéria”, mas estimular a criança a espantar-se pelo entorno, a fazer perguntas e a criar. Logo, o pensamento de Rubem Alves se torna fundamental para ações pedagógicas nos anos iniciais do ensino fundamental.

A presente pesquisa se justifica pela importância e forma como Rubem Alves enxerga a educação e a teologia, sabendo que ambas estão conectadas. O autor trata o processo educativo de uma maneira geral de forma mais humana, e principalmente ativa e provoca a curiosidade da pessoa discente para aprender e descobrir, ou seja, a forma como Alves rejeita a camada de professores que apenas passam conteúdos faz com que seja interessante um estudo sobre esse autor, suas obras e suas inúmeras contribuições.

A partir da classificação de Antonio Carlos Gil, esta é uma pesquisa de natureza básica, de abordagem qualitativa, de realização exploratória e, quanto aos procedimentos, bibliográfica. Como pesquisa decorrente do curso de mestrado profissional, ela apresentará, como produto, três modelos de plano de aula, tendo por referência o currículo do 4º ano do Ensino Fundamental, que expressam em ações pedagógicas os pilares do pensamento de Rubem Alves acerca da educação e da teologia.

Assim, no primeiro capítulo do desenvolvimento foi apresentado o pensamento de Rubem Alves acerca da educação e da teologia, partindo da centralidade do ser humano. A ideia não foi esmiuçar ou esgotar o tema, mas explicar a relação entre educação e teologia no pensamento do autor, tendo como ponto de partida o ser humano em sua condição social, cultural e histórica. Estabelecer essa relação é importante porque vai justificar que educação integral considera o ser humano em todas as suas dimensões, inclusive, espiritual

No segundo, buscou-se contemplar os pilares para a prática educativa. Assim, foi apresentado quatro pilares principais do pensamento de Rubem Alves para educação. A curiosidade, o pensamento crítico, a importância da relação entre currículo e vida e o exercício criativo da imaginação.

Por fim no terceiro, foi analisado o pensamento traduzido em ações pedagógicas, por meio da apresentação de três planos de aula completos, a partir de temas a serem abordados nas turmas do 4º ano, que expressem/traduzem pedagogicamente o pensamento de Rubem Alves acerca da educação.

2 RUBEM ALVES: POR UMA EDUCAÇÃO INTEGRAL

Nesse capítulo, o foco será o pensamento de Rubem Alves, acerca da educação e da teologia, partindo da centralidade do ser humano. A ideia principal não consiste em esmiuçar ou esgotar o tema; pelo contrário, o enfoque está voltado para esclarecer a relação entre educação e teologia no pensamento do autor, tendo como ponto de partida o ser humano em sua condição social, cultural e histórica. Em outras palavras, estabelecer essa relação será essencial porque deve ser suficiente para justificar que educação integral considera o ser humano em todas as suas dimensões, inclusive, espiritual.

Os principais autores que fizeram parte da construção desse capítulo com suas riquíssimas contribuições, entre outros são: Rubem Alves, Iuri Andréas Reblin e Antônio Vidal Nunes.

A educação brasileira, ao longo de sua história, passou por diversas transformações e desafios, moldando a maneira como o conhecimento foi transmitido e recebido no país. Os autores supracitados, contribuíram significativamente para o debate e reflexão sobre a educação, trazendo diferentes perspectivas e abordagens que envolvem a espiritualidade, a cultura, a história e a sociedade.

Neste contexto, é fundamental analisar como a espiritualidade se relaciona com as reflexões sobre educação, influenciando a forma como os educadores compreendem e abordam a aprendizagem, o desenvolvimento humano e a transformação social. Vamos explorar mais a fundo esse tema importante e suas implicações na prática educativa.

Na visão de Rubem Alves, a educação integral deveria considerar a antropologia do corpo, valorizando a corporeidade como a essência primordial do ser humano. Ele enfatizava a importância da linguagem, do corpo, da esperança, do desejo e da beleza como elementos fundamentais na formação dos indivíduos. Para Rubem Alves, o educador é um guia que ajuda os alunos a descobrir suas próprias potencialidades e a se lançarem no voo do conhecimento e da autodescoberta.

O autor destacou a necessidade de resgatar uma educação que estimulasse o prazer de aprender, incentivando os alunos a pesquisar, descobrir e analisar diferentes pontos de vista. Ele criticava as escolas que se assemelhavam às gaiolas, aprisionando mentes e corpos, e defendia a criação de espaços educacionais que

funcionassem como asas, permitindo que os alunos voassem em busca de novos horizontes de conhecimento e experiência.

Portanto, para Rubem Alves, a educação integral era aquela que não se limitava ao ensino de disciplinas acadêmicas, mas que promovia o desenvolvimento completo dos alunos, levava em consideração suas dimensões físicas, emocionais, sociais, culturais e espirituais.

2.1 Compreendendo um breve apanhado sobre a história da Educação

De acordo com Everton Souza, a educação brasileira se inicia com a chegada dos portugueses¹. Esse acontecimento viria, a partir de então, transformar o povo que já se encontrava no país e também aqueles que viriam posteriormente nas linhas de sucessão. No mesmo contexto, o autor divide ainda o período colonial em três fases nas quais a forma de educar no País vai se modificando: da chegada de Cabral até a instalação do governo geral; do governo geral até o final do século XVIII; do século XIX até a independência.²

Segundo Jane Bueke e Maria Betânia Albuquerque, o ponto de partida para os portugueses “educarem” os indígenas do Brasil colônia foram os jesuítas³. Estes últimos tinham a intenção de catequizar o povo nativo, a fim de convertê-los ao cristianismo. Sendo assim, era comum o ato de ensinar, mesmo que fora das escolas jesuítas, visto que era uma ação que estava presente no cotidiano de indígenas e portugueses, lecionando desde ações e palavras mais simples até costumes e tradições europeias.⁴ No entanto, neste primeiro momento, a catequização não era rígida como nos períodos posteriores, nos quais passaria a se impor a religião de Portugal como algo fundamental para a educação, atrelando as duas áreas para que houvesse a completa disseminação dos conhecimentos.⁵

¹ SOUZA, Everton Aparecido Moreira de. **História da Educação no Brasil: o elitismo e a exclusão no ensino**. 2018. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018. p. 22.

² SOUZA, 2018, p. 22

³ ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa; BUECKE, Jane Elisa Otomar. **A Educação no Brasil Colonial: revisão bibliográfica e caminhos para pesquisas na Amazônia**. 2019. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) (Pós-Graduação em Educação) - Universidade do Estado do Pará (UEPA), Belém/PA, Brasil., 2020. p. 16.

⁴ ALBUQUERQUE, 2020, p. 16.

⁵ ALBUQUERQUE, 2020, p. 16.

No mesmo sentido, Souza afirma ainda que, na segunda fase da colonização portuguesa, fase esta que os jesuítas já estavam consolidados no país, os padres passavam a aprender a língua nativa (tupi) para catequizar com maior eficácia. Entretanto, a ideia inicial de aprender o tupi mascarava o objetivo de sobrepor a cultura local com a europeia.⁶

Maria Eliza Rocha Silva,⁷ menciona que a pedagogia dos jesuítas se passava por três palavras principais: trabalho, educação e religião. Isso porque era muito comum os padres buscarem a evangelização tentando ensinar seus costumes e sua linguagem e continuarem explorando, ou, pelo menos, tentando se aproveitar dos indígenas.

Na terceira fase relatada por Everton Souza⁸, Marquês de Pombal, o primeiro ministro da época, percebe que há grande influência da Companhia de Jesus, na colônia. Desta forma, em 1749, ele decide expulsar os jesuítas do território brasileiro, com o intuito de diminuir o poder da igreja que estava maior que o exercido pela monarquia⁹. Sendo assim, o país passa por um período denominado pelo autor como: “vazio educacional”. Uma vez que, após essa intervenção do Marquês, a colônia portuguesa enfrentou um hiato na educação e este intervalo só é interrompido quando os mesmos conteúdos ministrados pelos jesuítas voltam a ser disseminados, no entanto, desta vez apenas para a elite.¹⁰

Nesta época, é possível notar que a aprendizagem se torna artigo de luxo e de distinção de classes. Só a pequena elite agrária conseguia ter acesso aos estudos, impossibilitando assim, a ascensão social das demais classes. Portanto, se evidencia problemas na educação brasileira desde a colonização.¹¹ Contudo, para o povo brasileiro, a Independência que viria a acontecer em 1822, resolveria os problemas educacionais gerados pela ausência da Companhia de Jesus. Isso de fato aconteceu, após alguns estímulos feitos pelo imperador Dom Pedro I.

Em 1827 foi outorgada a 1ª lei educacional do país que previa a instauração de escolas de ensino primário, além da instalação de escolas em todas as cidades,

⁶ SOUZA, 2018, p. 22.

⁷ SILVA, Maria Eliza Rocha. Os Jesuítas como precursores da educação brasileira. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – CONEDU, 7., 2020, Maceió. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize Eventos Científicos, 2020, p. 18.

⁸ SOUZA, 2018, p. 22.

⁹ SOUZA, 2018, p. 22.

¹⁰ SOUZA, 2018, p. 22.

¹¹ SOUZA, 2018, p. 22.

vilas e locais populosos. O Império ainda criou um curso superior de Direito em São Paulo e em Recife¹². Porém, o acesso a essas instituições de ensino não passava pelas classes mais desfavorecidas, como indígenas, escravos, homens livres e pessoas mais pobres, impedindo assim, a quebra da hierarquia social que perdurava desde a colonização¹³.

A partir de tais medidas, é possível notar que a educação passa a caminhar mesmo que em passos lentos. Todavia, depois da abdicação de Dom Pedro I, o governo encaminhou para as províncias a responsabilidade de criar escolas por suas cidades e povoados. Esta medida se mostrou ineficaz ao longo dos anos, visto que, os recursos e situações de cada local eram diferentes¹⁴. Neste sentido, o ensino escolar no Império brasileiro continuou a beneficiar principalmente a alta sociedade, privando a grande parcela da população de ter acesso as instituições de ensino. Nessa perspectiva, Boris Fausto afirma que 80% dos cidadãos eram analfabetos.¹⁵

Posteriormente, durante o período conhecido como República Velha (1889 – 1930), a educação brasileira ainda não se encontrava, uma vez que, a responsabilidade da criação de escolas de ensino primário continuava no encargo dos estados, sendo que estes não realizavam os investimentos necessários na área.

Em contrapartida, a antiga província que mais se desenvolveu neste quesito foi a de São Paulo. Isso devido as reformulações na forma de ensino, a criação do sistema de séries em que os discentes deveriam ser aprovados para seguirem para as demais etc. Dessa maneira, após os bons resultados provindos dos novos métodos, outros estados passaram a tomar como exemplo e a educação brasileira começa a caminhar novamente.¹⁶

Apesar disso, segundo Sell¹⁷ não haviam políticas eficientes que alcançassem aquelas pessoas com menor poder aquisitivo e os antigos escravos que haviam sido libertos há tão pouco tempo. Nesse aspecto, são identificadas falhas no sistema educacional desde a época e que impactam os dias atuais.

¹² SOUZA, 2018, p. 22.

¹³ SELL, S. Educação no Brasil: o dualismo arraigado desde o Brasil-Império e o movimento de ruptura a partir do Ensino Médio Integrado dos Institutos Federais. **Revista Educação e Emancipação**, v. 12, n. 1, p. 118-142, 2019, p.118.

¹⁴ SOUZA, 2018, p. 22.

¹⁵ FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 14. ed. São Paulo: Editora Edusp 2019, p. 32.

¹⁶ SOUZA, 2018, p. 22.

¹⁷ SELL, 2019, p. 18.

Mais adiante, o governo de Vargas se sobressaiu na valorização da educação brasileira quando comparado com seus antecessores, dado que, Getúlio via nas escolas a maneira mais eficaz de repassar seus ideais sem grandes empecilhos e divergências de opiniões dos mais jovens.

Neste mesmo ponto de vista, Sell¹⁸ caracteriza a forma com a qual a educação foi tratada durante o Estado Novo como uma fonte de controle social, tentando injetar o nacionalismo em toda a população, principalmente naqueles que ainda não tinham pensamento crítico formado.

Dentro dos pressupostos teóricos de Cândido, Jucá e Silva é afirma que no regime Vargas houve o incentivo à diversas áreas do conhecimento com a promulgação de decretos que buscavam suprir as necessidades educacionais que emergiam na época.

Mas as medidas e ações tomadas pelas autoridades vigentes separaram as formas de ensino oferecidas para a elite e para a camada menos favorecida da sociedade. Isso porque, para as classes mais altas existiam faculdades em variadas áreas, enquanto que para os demais, eram oferecidos no máximo um curso técnico para suprir a necessidade de mão de obra qualificada que surgira.

Ao fim deste período, no qual houve grande incentivo à industrialização, o país contava com cerca de 56% de analfabetos, de acordo com Fausto¹⁹. Índice esse que o autor caracteriza como inadmissível para uma nação que buscava o crescimento industrial.

Com a queda de Vargas, seus decretos e incentivos à educação continuaram a ser perpetuados, pois essas medidas tinham gerado resultados positivos para os problemas de mão de obra qualificada no país. Nesta época o Brasil passa por uma redemocratização e o nome que se destaca na área educacional é o de Gustavo Capanema, nomeado ministro da educação durante o ainda governo de Getúlio²⁰.

As reformas propostas por Capanema se mostraram eficazes, visto que ele reestruturou praticamente todos os níveis de ensino. Gustavo propôs que o ensino primário passasse de quatro para cinco anos obrigatórios, e que o ensino secundário fosse dividido em duas etapas, além de criar o ensino colegial paralelo ao ensino

¹⁸ SELL, 2019, p. 18.

¹⁹ FAUSTO, 2019, p. 32.

²⁰ FAUSTO, 2019, p. 32.

técnico²¹. No entanto, ainda é perceptível que as classes dominantes ficavam com as vagas nas universidades, garantindo sua hegemonia, enquanto que os mais necessitados ainda ficavam limitados aos diplomas escolares e técnicos para que as demandas de trabalho minimamente qualificadas provindas das indústrias, fossem supridas.

Posteriormente, em 1961 há a publicação da primeira LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) que foi precedida de diversos debates oriundos de problemas que perduravam desde a colonização. Exemplo disso, era a existência de grupos que defendiam a educação laica e outros a escola confessionária, como vinha sendo feito desde os primórdios²².

Em sequência, se inicia discussões entre as escolas públicas e as privadas, pois as primeiras queriam que o Estado monopolizasse a Educação e a liberdade disciplinada das instituições de ensino, enquanto que as últimas desejavam que o Estado interferisse minimamente em seu modelo educacional e que financiasse a educação particular²³. Nesta perspectiva, Fausto²⁴ afirma que ao final desse período o favorecimento da elite brasileira não foi rompido e que a exclusão que se fazia presente no ensino do Brasil, desde os tempos de colônia, ainda perdurava sobre as terras tupiniquins.

Mais adiante, o país enfrenta mais problemas na educação devido ao regime militar instaurado em 1964. A partir disso, a nação passa por um período em que as decisões sobre os centros de ensino eram as mais rigorosas e desastrosas possíveis. Neste período de ditadura militar se destacam ainda o crescimento da concentração de renda e desigualdades sociais, agravando os problemas de acesso à educação de qualidade no país que são advindos desde os tempos de colônia do Brasil.

Segundo Sell²⁵ o governo militar tinha caráter coercitivo e centralizado e uma política desenvolvimentista que buscava o mínimo de escolarização para a maior quantidade de pessoas possível. Deste modo, houve políticas que prezava pela rápida formação para que o mercado de trabalho fosse prontamente abastecido. Em sequência, as autoridades em questão incentivam a criação de instituições privadas,

²¹ FAUSTO, 2019, p. 32.

²² FAUSTO, 2019, p. 32.

²³ SOUZA, 2022, p. 23.

²⁴ FAUSTO, 2019, p. 32.

²⁵ SELL, 2019, p. 18.

principalmente as de ensino superior, transformando assim, a educação em um negócio amplamente rentável e que gerava ainda mais problemas sociais.

Destarte, é possível notar que as décadas de 1980 e 1990 foram “perdidas” quando se trata da educação brasileira, dado que não houveram avanços significativos, apesar de terem existido incentivos governamentais, esses podem ser vistos como ineficazes²⁶. A partir de então, após a redemocratização a educação no Brasil passa por novos avanços, como o incentivo ao acesso às escolas e também a criação de novas unidades educacionais por todo o país.

2.2 Rubem Alves: Educação e teologia

Adentrando no universo educacional e na linha teológica de Rubem Alves, percebe-se que a educação e a religião são elementos bem contemplados na maioria de suas obras. Fica claro também que sua literatura possui um teor psicanalítico que está conectado à vida humana em sociedade, e isso fica bem visível no seu cuidar em oportunidades do fazer pedagógico²⁷.

Fazendo uma escolha própria distinta da grande maioria durante toda a vida em relação ao sistema educativo do Brasil, Alves defendia uma forma de educação com característica mais inspiracional e livre, e suas concepções sobre o educar, o pensar e como dispor o tempo da criança e do adulto acabaram influenciando uma boa parte das gerações de outros educadores.

Rubem apontava uma visão em relação ao professor, ou seja, este seria um profissional que não apenas ensinava seus conteúdos, mas que conseguia ativar ou impulsionar a curiosidade do estudante. “O objetivo da educação não é ensinar coisas, porque as coisas já estão na internet, estão nos livros e estão por todos os lugares. O professor deve ensinar a pensar, criar na criança essa curiosidade”²⁸, essa era uma das defesas realizadas por ele através do documentário Rubem Alves, o professor de espantos, dirigido por Dulce Queiroz.

Nos estudos realizados, a princípio, pode-se entender que, para Rubem Alves, ser alegre era um elemento que não poderia ser ausência na vida, e na

²⁶ SELL, 2019, p. 18.

²⁷ SILVA, Maria de Jesus Reis; ANJOS, Maria do Perpétuo Socorro Ferreira dos. *Rubem Alves: educação x religião*. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 11, e186101119525, 2021, p. 1.

²⁸ ALVES, Rubem. **Estórias de quem gosta de ensinar**. 16. ed. São Paulo: Cortez, 1993, p. 106.

educação não deveria ser exatamente assim: uma sala de aula ativa e dinâmica, que provocasse no discente “a alegria de pensar”. “A gente precisa ter uma educação ligada com a vida. Porque é para isso que a gente aprende, para poder viver melhor, para ter mais prazer, para ter mais tempo, para não se arriscar”²⁹. O autor também acreditava que a única forma de provocar esse incentivo na leitura nos pequenos era lendo-se para eles, isso seria determinante para se criar um laço sentimental entre os livros e a criança.

Para Rubem, se os discentes liam porque o professor mandasse, o interesse deles não seria na mesma proporção que se o educador criasse um momento especial dedicado a ler para seus estudantes da educação infantil – um exemplo é quando os pais leem para os filhos antes de dormir –, criando uma conexão que com o passar do tempo poderia ser fortalecida. Essa maneira de proporcionar a educação um olhar alegre e afetivo fez de Rubem Alves um dos mais admirados professores de educação que surgiram nos últimos tempos, tendo formado diversas gerações de profissionais que não apenas aceitam conteúdos, mas que são questionadores, que seguiram a trajetória desse autor para lutar por uma escola mais humana.

Rubem Alves foi um importante pensador brasileiro, concentrou uma boa parte de seus esforços e tempo para contribuir com a temática “educação”. O seu interesse pelo do tema foi gerado quando, no final da década de 1970, ele conseguiu ser transferido do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas para a Faculdade de Educação da mesma instituição. Dentro do seu novo espaço acadêmico, ele começa a tratar a educação a partir do seu pensamento humanista que começou a criar durante o período de exílio que teve que passar nos Estados Unidos, logo depois do golpe militar de 1964. Seu posicionamento a respeito da educação encontra-se presente em vários de seus livros e não se pode deixar de lado a sua conhecida obra “Conversas com quem gosta de ensinar”, passando por “Estórias de quem gosta de ensinar”, “Alegria de ensinar”, “Educação dos sentidos”, e outros que seguem contribuindo incessantemente para uma educação integral³⁰.

²⁹ ALVES, 1993, p. 106.

³⁰ NUNES, Antônio Vidal. Fundamentos filosóficos da educação. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Núcleo de Educação Aberta e à Distância, 2010, p. 21.

Rubem Alves foi um educador contemporâneo, suas falas estavam todas apoiadas e fortalecidas na finalidade de despertar o entendimento claro de valores presentes e necessários que precisam fazer parte da vida dos indivíduos, pois tinha o entendimento que a vida cotidiana como fatores que contribuem, significativamente, para a formação do ser humano em sua essência, por meio, não só da educação escolar, mas também da educação para a vida na formação do educando³¹.

Alves projetando suas ideias com base em outros posicionamentos, faz com que educação e religião acabem se completando e tenha um diálogo claro e produtivo entre si. Pois, seu pensamento transcorre por diferentes abordagens dos campos disciplinares tais como: a Antropologia, a Psicanálise, a Ciência, a Filosofia, inclusive a Teologia³².

De tanto serem repetidos e compartilhados, de tanto serem usados, com sucesso, à guisa de receitas, nós os reificamos, passamos a tratá-los como se fossem coisas. Todos os símbolos que são usados com sucesso experimentam esta metamorfose. Deixam de ser hipóteses da imaginação e passam a ser tratados como manifestações da realidade. Certos símbolos derivam o seu sucesso do seu poder para congregar os homens, que os usam para definir a sua situação e articular um projeto comum de vida. [...]. Os símbolos vitoriosos, e exatamente por serem vitoriosos, recebem o nome de verdade, enquanto que os símbolos derrotados são ridicularizados como superstições ou perseguidos como heresias. E nós, que desejamos saber o que é a religião, que já sabemos que ela se apresenta como uma rede de símbolos, temos de parar por um momento para nos perguntar sobre o que ocorreu com aqueles que herdamos³³.

Alves escreveu diversos livros relacionados a temática da religiosidade, dentre os quais merecem um destaque especial: “O que é Religião”, o “Deus que eu conheço” e o “Enigma da Religião”. Nessas obras, Alves mostra a sua relação com a religiosidade dando enfoque sobre a afetividade como forma de atingir o indivíduo tanto no aspecto pedagógico quanto no religioso³⁴.

Quando se fala em educação, acabamos sempre pressupondo uma concepção de ser humano, que se apresenta de forma contida. Assim, funciona como o ponto de partida, a referência que é indispensável desde a qual se pode pensar o processo formativo dos indivíduos. Rubem Alves tinha conhecimento sobre

³¹ SILVA, ANJOS, 2021, p. 6

³² SILVA, ANJOS, 2021, p. 6

³³ ALVES, 1980, p. 39

³⁴ SILVA, ANJOS, 2021, p. 7

a ampla variedade de formulações filosóficas que foram sendo elaboradas durante o passar dos tempos e tendo em vista a compreensão da existência humana. Com base em uma avaliação crítica destas concepções, Alves estabelece, em suas interlocuções com Agostinho, Nietzsche, Feuerbach, Freud, Marx, Heidegger, etc., uma percepção antropológica pessoal que o impulsionou a pensar a educação. Primeiramente, concebeu o ser humano não como um ser abstrato, mas histórico e concreto³⁵.

Nesse sentido, Rubem Alves defendeu que cada humano nunca pode ser visto como um pronto e acabado, mas que se faz a partir de um contexto no qual ele se situa. O ser humano é uma existência inconclusa e está sempre se fazendo, ao mesmo tempo que busca o desenvolvendo das diversas e múltiplas possibilidades existenciais. Nesse processo o indivíduo acaba realizando a sua liberdade de forma gradual e aberta, se apoiando em inúmeras possibilidades que a vida ou a realidade o acaba oferecendo, tanto individualmente como coletivamente. É na história, e se apropriando de possibilidades, que consegue se realizar com os demais da sua espécie no mundo³⁶.

No campo da teologia, Rubem Alves acabou trazendo à tona uma visão pluralista e aberta, que estabelecia um diálogo com outras tradições religiosas e se baseava na busca de sentido e significado na vida humana. Sua teologia era profundamente humana e existencial, o foco era conseguir estabelecer uma conexão por meio da espiritualidade com a experiência cotidiana das pessoas³⁷.

Sua abordagem integral tem sempre o foco na valorização do ser humano e do ser humano em todas as suas dimensões, segue a todo vapor inspirando educadores e teólogos na busca por práticas pedagógicas que consigam proporcionar uma educação mais significativa e enriquecedora em sala de aula e impulsionar discentes a aprender de forma prazerosa dentro de ambientes que estejam condicionados a essa situação. Mais adiante no próximo tópico, será explorado como a espiritualidade nas reflexões sobre educação de Rubem Alves e

³⁵ NUNES, 2010, p. 22

³⁶ NUNES, 2010, p. 23

³⁷ REBLIN, Iuri Andréas. A contribuição de Rubem Alves para o estudo da teologia na arte sequencial: anotações de um fragmento de mosaico misturadas com biografia. **REFLEXUS-Revista Semestral de Teologia e Ciências das Religiões**, v. 8, n. 12, p. 155-168, 2014, p. 156.

como se traduz em práticas pedagógicas para os anos iniciais do ensino fundamental, de acordo com as diretrizes estabelecidas³⁸.

Conforme sinaliza Reblin “a educação proposta por Rubem Alves revela uma perspectiva interdisciplinar”³⁹. Isso quer dizer que a visão cartesiana dos currículos escolares acaba que não é aceita, em nome de uma educação humana, criativa, centrada na liberdade de pensamento, cujos parâmetros não estão engessados por conteúdos fechados, mas o que vem buscando é o interesse por temas que conduzem os discentes à descoberta de saberes que colaboram na construção de conceitos e os preparam para o mundo.

A teologia, assim, vincula com a esperança humana, não é formada por fatos brutos, para serem observados e analisados, pelo contrário, é formada através de símbolos de beleza, de desejos. Este aspecto da teologia não pode ser descartado, pois apenas assim pode-se abrir oportunidades para o diálogo com outros saberes. Outro ponto destacado por Reblin, na teologia de Rubem Alves, é o fato de contar história como método para se fazer teologia⁴⁰.

Ao valer-se do ato de contar histórias como “método” da teologia, Rubem Alves afirma que a própria teologia não se restringe a um único método. Ao colocar em xeque as linguagens apologética, discursiva e científica, como linguagem teológica, o teólogo mineiro está na verdade, remetendo a uma infinidade de teologias que se prendem a um método. O autor combate métodos rigorosos de se fazer teologia, métodos de linguagem e de comprovação e defende a liberdade inerente e essencial para a própria teologia. O ato de contar histórias não está restrito a determinados ouvidos, ele é acessível a pessoas de qualquer nível de instrução. Além disso, revela que a teologia não pode ser pensada como um amontoado de informações, mas possui a clara intenção de refletir acerca do sentido último da vida⁴¹.

As contribuições de Rubem Alves à teologia, destacadas ainda por Reblin, podem muito bem serem compreendidas às Ciências das Religiões e especificamente à subárea do Ensino Religioso, uma vez que a teologia “é hoje uma parceira intelectual entre muitos parceiros, com um lugar importante, mas não de destaque na academia”⁴². Mediante o que foi esclarecido, acredita-se que a teologia de Rubem Alves pode contribuir para reencantar o Ensino Religioso por meio de sua

³⁸ REBLIN, 2014, p. 157.

³⁹ REBLIN, 2013, p. 1.201.

⁴⁰ MENEZES, Lúcia de. As contribuições de Rubem Alves para o Ensino Religioso. **Revista Unitas**, v. 5, n. 2 (n. especial), 2017, p. 711.

⁴¹ REBLIN, 2004, p. 200.

⁴² MENEZES, 2017, p. 711.

ressignificação da religião, das “estórias” e da poesia, de modo que, o Ensino Religioso alcance seus objetivos⁴³.

A grande variedade de obra composta de livros, artigos, entrevistas, crônicas; do educador Rubem Alves, não pode ser avaliada de forma completa nesse trabalho, principalmente por causa de sua extensão. Por isso, foi importante se delimitar a alguns trabalhos do autor com a finalidade de avaliar como a sua teoria educacional estabelece proximidade com o existir na sua concretude. Essas podem sim contribuir de maneira satisfatória no caminho pretendido que é estudar de que modo a vida pode oferecer interpretações para sustentar o ponto de vista teórico e prático a educação⁴⁴.

Só aprendemos as coisas que nos dão prazer [...] só do prazer surge a disciplina e a vontade de aprender [...]. A recusa em aprender é uma demonstração de inteligência um protesto contra uma educação que está com cheiro de comida deteriorada, que não cheira bem, que tem sabor esquisito⁴⁵.

Os discentes acabam concordando, de forma correta, a uma estrutura educacional que destrói os corpos e as mentes. A reação a esse tipo de imposição é um ato de defesa natural, pois ela acaba eliminando qualquer desejo ou prazer, forças motivadoras dos interesses mais genuínos em aprender. É importante atentar que não se trata de um hedonismo gratuito. Nesse momento observamos a defesa de Alves para a importância da disciplina, esta, porém, deve emergir do prazer e “vontade de aprender⁴⁶”.

A escola se constituiu, na grande maioria das vezes, como um espaço com um importante nível de seriedade, metódico, com pouca valorização a elementos que estão diretamente relacionados ao cotidiano. A mesma reflexão pode ser conhecida quando o autor critica, na mesma obra antes citada, os vestibulares⁴⁷.

A alegria do estudo está na pura gratuidade, estudar como quem brinca, estudar como quem ouve música [...]. Mas uma vez instaurado o terror do vestibular já não haverá tempo para a poesia, por amor a ela; e nem para a

⁴³ MENEZES, 2017, p. 711.

⁴⁴ PEIXOTO, Enock da Silva. A vida como concepção educativa no pensamento de Rubem Alves e Ortega Y Gasset. **Saberes**, Natal RN, v. 18, n. 1, Maio, 2018, p. 169.

⁴⁵ ALVES, Rubem. **Estórias de quem gosta de ensinar**. 16. ed. São Paulo: Cortez, 1993, p. 106.

⁴⁶ PEIXOTO, 2018, p. 170.

⁴⁷ PEIXOTO, 2018, p. 170.

curiosidade histórica, por pura curiosidade; e nem para a curiosidade ociosa que faz parte do prazer em viver⁴⁸.

Desde bem pequenas as crianças recebem dentro de suas consciências infantis o terror do vestibular, algo que acaba criando um certo bloqueio na busca do saber pelo mero desejo pelo conhecimento. Neste raciocínio de Alves, é possível perceber uma reflexão que priorize o viver como um instrumento fundamental para pensar a educação. Não deve ser o vestibular o destino final do discentes - mas a vida- ela é o principal horizonte para qual se deve educar. Do nosso ponto de vista, isto não significa que a preparação para o vestibular não tenha sua devida importância ou necessite de um comprometimento devido, mas é preciso concordar que com a crítica do mineiro-brasileiro de que esta não pode ser o foco primordial, o objetivo primeiro, o fim utilitário da formação juvenil, pois se trata de uma circunscrição absurda do ato de educar⁴⁹.

A vida não fora definida em sua substancialidade e isto é intencional, pois, em Alves não se define a vida, apenas se cita o seu acontecer, tal como a analogia feita pelo autor entre a cozinha e a educação “Cozinha: ali se aprende a vida. É como uma escola em que o corpo, obrigado a comer para sobreviver, acaba por descobrir que o prazer vem de contrabando. A pura utilidade alimentar, coisa boa para a saúde, pela magia da culinária, se torna arte, brinquedo, fruição, alegria”⁵⁰. Vida não apresenta uma definição, ela se trata única e exclusivamente de fluência, não se pode deixar de lado a sua existência, a sua presença real que é tão efetiva que somos capazes de cometer a aberração de ignorá-la como se ela não fosse a potência principal que forma a gênese de nosso existir⁵¹.

No modelo de escola proposto por Alves, o que fica estabelecido como contraponto ao saber meramente sistemático, é o tão esperado prazer pelo conhecimento. As disciplinas de qualquer área seriam mais produtivas se fossem ensinadas em “laboratórios”, tendo a experiência como sustentação, para em seguida, se partir para a teoria. Primeiro, o início é viver, depois o experimentar, e depois se coloca as descobertas, as dúvidas, as questões, no papel. A vida nas suas diversas manifestações antecede ao papel ou as telas dos instrumentos

⁴⁸ ALVES, 1993, p. 107.

⁴⁹ PEIXOTO, 2018, p. 170.

⁵⁰ ALVES, 1993, p. 92.

⁵¹ PEIXOTO, 2018, p. 171.

tecnológicos. O termo laboratório que foi mencionado anteriormente se refere à vida, a existência, ao mundo; os laboratórios das escolas são, geralmente, reprodutores de uma visão tradicional de educação que dissociam escola e mundo⁵². A crítica de Rubem Alves abaixo reafirma esta tese:

Na verdade, eles (os laboratórios) são uma boa maneira de enganar os pais, que ficam impressionados com os aparelhos, as luzes etc. Mas contam uma mentira, porque a ciência não se faz dentro de um quartinho; faz-se em todas as situações da vida, com cérebro e olho. Aquele monte de instrumentos e frascos só tem a função de melhorar o olho, mais nada! É preciso que os aprendizados estejam ligados às situações vividas, caso contrário tudo é esquecido⁵³.

“O educador em questão crítica uma visão de ciência que se faz apenas entre quatro paredes e sem relação direta com a existência real, onde a vida realmente acontece”⁵⁴. Em outras palavras, quando se consegue reproduzir na escola os laboratórios científicos, automaticamente está sendo impondo as consciências infantis, juvenis e universitárias uma concepção de ciência e de saber que limita o conhecimento a aparelhos, frascos, resultados⁵⁵.

A educação, é uma atividade mediante a qual os saberes, conhecimentos e valores inventados pelos homens são transmitidos. É até interessante imaginar o que ocorreria com as pessoas se não pudéssemos transmitir para as novas gerações aquilo que as anteriores realizaram. As chances seriam enormes de que não teríamos como sobreviver. Seríamos dizimados como milhares de espécies que já habitaram nosso planeta. O processo educativo é vital para a existência humana, sem ele, as gerações não podem experimentar os conteúdos e vivências. As gerações mais velhas devem transmitir para as mais novas os conhecimentos que o ser humano tem de si e do mundo⁵⁶.

Mas há uma outra questão a que precisamos estar atentos. Ocorre que muitas vezes a herança deixada pelos nossos antepassados tem o seu tempo de validade. Em outras palavras, nem tudo que foi importante para nossos pais poderá ser importante para nós no presente. Dessa forma, podemos dizer que os conhecimentos a serem transmitidos são aqueles que ainda têm alguma serventia, mas que, com o tempo, poderão ficar

⁵² PEIXOTO, 2018, p. 171.

⁵³ ALVES, 1993, p. 93.

⁵⁴ ALVES, 1993, p. 93.

⁵⁵ PEIXOTO, 2018, p. 171.

⁵⁶ NUNES, Antônio Vidal. **Fundamentos filosóficos da educação**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Núcleo de Educação Aberta e à Distância, 2010, p. 14.

obsoletos. O que foi significativo em um momento e muito ajudou o homem em seu viver poderá não representar ou ter serventia em outras etapas do existir⁵⁷.

Entretanto, é perigoso ao ser humano somente repassar o que foi deixado, daí ser necessário que ele desenvolva sua capacidade criadora, pois, quando provocado e desafiado, será capaz de trocar as estradas batidas pelas veredas novas e desconhecidas. Faz parte da educação, também, preparar as pessoas para que elas possam, devido o exercício da atividade crítica, conseguir avaliar o patrimônio recebido e buscar novas respostas para os seus problemas. Dessa forma, movidos pela imaginação, os humanos podem se arriscar na busca de novos modelos explicativos que deverão embasar sua ação no mundo em seus múltiplos aspectos⁵⁸.

2.3 A espiritualidade nas reflexões sobre educação de Rubem Alves

Penetrar no universo das obras de Rubem Alves, conhecendo de forma mais aprofundada seus contos, metáforas, histórias, parábolas, é mergulhar nos significados que ele sugere, com seu jeito muito claro e próprio de ensiar, de forma simples, o que está posto na realidade e no movimento da vida. Rubem Alves pode ser interpretado das mais variadas formas, tais como: teólogo, filósofo, psicanalista, cronista, mas, sobretudo, não se pode negar que ele é um verdadeiro apaixonado pela educação e que sua visão sobre ela vai além dos muros da escola⁵⁹. Segundo ele:

Minha estrela é a educação. Educar não é ensinar matemática, física, química, geografia, português. Essas coisas podem ser aprendidas nos livros e nos computadores. Dispensam a presença do educador. Educar é outra coisa... O educador é um corpo cheio de mundos⁶⁰.

As ideias de Rubem Alves sobre a educação são criadas por meio do seu olhar crítico-reflexivo sobre os modelos educacionais que estão estabelecidos no

⁵⁷ NUNES, 2010, p. 15.

⁵⁸ NUNES, 2010, p. 16.

⁵⁹ MANHÃES, Mariana Mattos. **Por uma educação romântica de Rubem Alves**: investigando as contribuições e perspectivas da obra com os alunos do curso de licenciatura em química. 2016. 78f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Química) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Campos dos Goytacazes/RJ, 2016, p. 22.

⁶⁰ ALVES, Rubem. **Por uma educação romântica**. Campinas: Papirus, 2002.

Brasil até os dias de hoje e que, de certa forma, atestam o fracasso do sistema para se produzir uma aprendizagem eficiente e que apresente resultados satisfatórios. Como ele próprio chegou a afirmar em várias ocasiões, a escola acaba “exterminando” o desejo de conhecer e a fome de saber que todo ser humano tem⁶¹.

Para se entender as propostas pedagógicas dele é necessário ter em mente os aspectos que ele considera de grande valor no ato de educar e aprender. Rubem Alves sempre dá um grande valor ao corpo e a linguagem. Ele pensa a educação a partir da humanização, pois para ele, é necessário viver, sentir a beleza, a alegria, a liberdade que a capacidade de se deslocar e viajar no pensamento, que todo ser humano vivencia como uma dádiva de Deus⁶².

Sobre essa questão central em suas obras, a educação, é importante considerar o seguinte:

Rubem Alves pensa a vida, a educação, a escola, a sociedade, e o ser humano a partir da antropologia do corpo. Da corporeidade com primeira essência do ser humano e, portanto, elemento fundante do mundo percebido, vivido e sentido pelo ser humano a que ele denomina dimensão simbólica do homem. Nessa antropologia, a linguagem, o corpo, a esperança, o desejo e a beleza são elementos fundamentais⁶³.

Quando é mencionado que as escolas aprisionam mentes e corpos, Rubem Alves fala com a propriedade de quem tem amplo conhecimento sobre a educação no Brasil e o seu sistema como um todo, sobretudo as salas de aulas onde as crianças ficam alojadas. Ao utilizar a metáfora da gaiola, em sua crônica “Gaiolas ou Asas”, ele traz destaques importantes e comentários sobre suas ideias de educação, considerando que há escolas que se parecem com gaiolas, que levam os pássaros a desaprenderem a arte de voo e, por analogia, há escolas que impedem as crianças de pensar por si mesmas e produzirem a verdadeira aprendizagem⁶⁴.

Em contraposição, ele cita sobre as escolas que funcionam como “asas”, e que mostram uma forma diferente e humanizada de tratar as crianças, como os pássaros em voo, mas que precisam ter a coragem e, muitas vezes, necessitam de um simples empurrão de suas mães-pássaros para se lançarem no ar e voarem em busca dos espaços desconhecidos. Da mesma forma, o papel do educador consiste

⁶¹ MANHÃES, 2016, p. 22.

⁶² MANHÃES, 2016, p. 22.

⁶³ ALVES, 2002, p. 32.

⁶⁴ MANHÃES, 2016, p. 23.

em despertar e provocar seus discentes a novos pensamentos, novos sonhos, em busca da aprendizagem ainda desconhecida⁶⁵.

A satisfação de ir para a escola, de conversar e rever os colegas, de ter um espaço onde possam conversar com alegria, vivenciando suas dúvidas e compartilhando com os colegas e professores, são sentimentos que não estão mais relacionados com autoritarismo, medo, desrespeito e violência. Para Rubem Alves, é urgente resgatar uma educação que tenha como objetivo investir no prazer de aprender, oportunizando que crianças e adolescentes sejam instigados a pesquisar, descobrir analisar vários pontos de vista para poderem construir seus próprios pontos de vista⁶⁶.

O que amplifica e confere significado à prática docente em uma abordagem espiritual é sua conexão intrínseca com as ações necessárias para estabelecer um vínculo existencial com as verdades que sustentamos como educadores. Portanto, a espiritualidade não existe sem a entrega paciente à ascese, ou seja, ao rigoroso auto trabalho. A legitimidade da docência, nesse contexto, não se resume a impor regras aos indivíduos, prescrevendo qual seria o modo ideal de viver, mas sim em reiterar incessantemente que a verdadeira essência do ensino reside na incorporação ética de nossas convicções⁶⁷.

Os educadores desempenham um papel fundamental na promoção do desenvolvimento integral dos discentes, estabelecendo relações de confiança e proporcionando apoio emocional. Se percebe a necessidade de uma abordagem educacional que integre elementos emocionais, estéticos e afetivos, tornando o processo de aprendizado mais significativo e envolvente. Essa abordagem não apenas enriquece a educação, mas também prepara os discentes para uma compreensão mais profunda e sensível do mundo ao seu redor, capacitando-os a se tornarem cidadãos mais engajados e reflexivos⁶⁸.

Esta abordagem holística, fundamental em sua obra, estabelece as bases para sua concepção de educação que transcende a mera transmissão de informações, abrangendo uma compreensão profunda do ser humano em sua complexidade. A compreensão de Rubem Alves acerca da centralidade do ser

⁶⁵ ALVES, 2002, p. 32.

⁶⁶ MANHÃES, 2016, p. 23.

⁶⁷ ALVES, 2002, p. 32.

⁶⁸ ALVES, 2002, p. 32.

humano enfatiza que o indivíduo é moldado pela interação com a sociedade, pelas influências culturais e pela consciência histórica. Essas dimensões, embora distintas, são inextricavelmente entrelaçadas e desempenham papéis cruciais na formação da identidade e na experiência humana⁶⁹.

A dimensão social, como observada por Rubem Alves, destaca a importância das relações sociais na vida do ser humano. A interação com a sociedade não apenas contribui para a construção da identidade, mas também influencia as experiências individuais, moldando a visão de mundo e as perspectivas do indivíduo. Além disso, a dimensão cultural e histórica é importante para uma compreensão completa da existência humana. A cultura fornece o contexto no qual os indivíduos desenvolvem suas identidades, enquanto a consciência histórica permite que eles contextualizem sua própria experiência no contexto da história⁷⁰.

Esperança consiste em um termo chave para que a educação flua, sobretudo se concebida como caminho para a liberdade, autonomia e ousadia, tal qual sonhou Paulo Freire, o patrono da educação brasileira. A propósito, ele mesmo, visando o cumprimento do verbo esperar, distinguindo a espera passiva da compromissada com a transformação da realidade, declarou: “Não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico”⁷¹.

Creio que além de Rubem Alves, Paulo Freire também atuou com profunda espiritualidade na educação. Esperançosamente, com teimosia, acreditou no potencial transformador do processo de aprendizagem sobre a consciência das pessoas. Não seria essa uma das características do místico e do profeta: a insistência em proclamar a mensagem de denúncia e libertação?⁷²

Por um lado, contamos com a santa teimosia de Paulo Freire. Por outro, somos brindados com a teopedagogia poética de Rubem Alves que nos leva a esperar através de inquietantes, sugestivos e saborosos textos de espiritualidade voltados para a educação. São reflexões que provocam o reencantamento sobre quem teima em não desanimar frente à aridez de contextos marcados por inúmeras carências. Sobre aqueles/as que se sentem desafiados nos espaços formais de

⁶⁹ ALVES, 2002, p. 32.

⁷⁰ ALVES, 2002, p. 32.

⁷¹ PEREIRA, Gerson Lourenço. A liturgia do ensino: a espiritualidade nas reflexões sobre educação de Rubem Alves. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, p. 127-139, jul./dez. 2018, p. 132.

⁷² PEREIRA, p. 2018, p. 133.

ensino inseridos em comunidades onde imperam a violência, o abandono, a negligência⁷³.

Por fim, com a espiritualidade alvesiana, é possível entender que a prática educativa não é apenas um sacerdócio, que liga o ser humano tão somente a uma relação profissional com os espaços formais de ensino; mas um exercício profético, que abraça a partir do envolvimento com a educação como uma experiência mística fascinante!⁷⁴

⁷³ PEREIRA, p. 2018, p. 133.

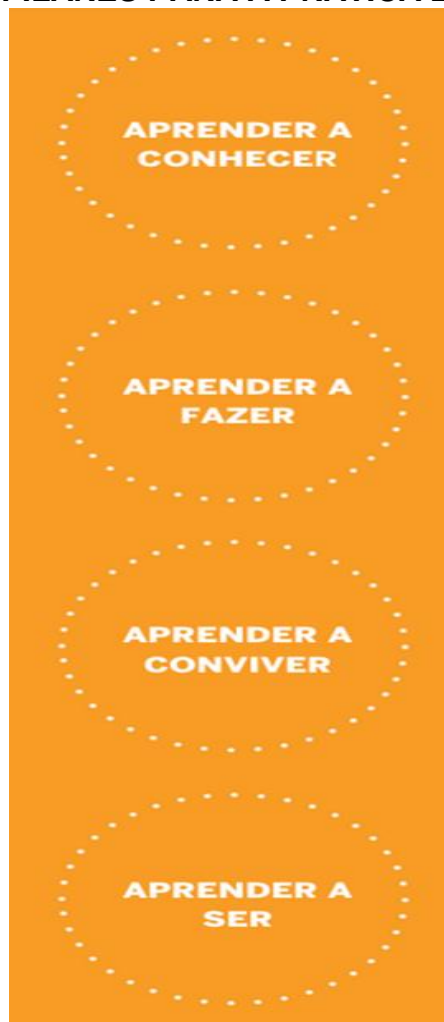
⁷⁴ PEREIRA, p. 2018, p. 133.

3 RUBEM ALVES: PILARES PARA A PRÁTICA EDUCATIVA

Apresenta-se nesse capítulo quatro pilares principais do pensamento de Rubem Alves para educação. A curiosidade, o pensamento crítico, a importância da relação entre currículo e vida e o exercício criativo da imaginação. Nessa direção, se buscará fazer uma relação também com outros teóricos vinculados à teologia e que pensam também a educação.

Os pilares para a prática educativa de Rubem Alves estão ancorados nos pilares desenvolvidos a partir do relatório da UNESCO coordenado por Jacques Delors: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser.

Figura 1 - PILARES PARA A PRÁTICA EDUCATIVA



Fonte: ALVES, 2002. p. 208

Rubem Alves enxerga que o papel do educador diante do discente, é torna-lo protagonista, ou seja, é ajudá-lo a identificar a situação-problema e procurar se posicionar de forma consistente diante dela. O discente que Rubem Alves almeja que apareçam são aqueles que se empenham em momento algum se desanimem e nem se desvie dos objetivos do grupo. Além disso, o professor por sua vez, precisa buscar favorecer o estabelecimento de vínculos entre os membros que estão na sala de aula e principalmente deve zelar permanentemente para que a iniciativa do discente seja compreendida e aceita pelos outros e a sua missão como professor é colaborar com apoio e incentivo⁷⁵.

Diante disso, essa é a relação que deve existir entre os educadores e educandos no espaço escolar, conforme quadro abaixo:

Quadro 1 - RELAÇÃO ENTRE OS EDUCADORES E EDUCANDOS NA ESCOLA

ETAPAS	DEPENDÊNCIA	COLABORAÇÃO	AUTONOMIA
A Iniciativa da ação	Iniciativa unilateral dos educadores	Educadores discutem se devem ou não assumir uma iniciativa	A iniciativa da ação parte dos próprios educandos
O Planejamento da ação	Educadores planejam sem a participação dos educandos	Educadores e educandos planejam juntos a ação	Educandos planejam o que será feito
A Execução da ação	Educadores executam e os educandos recebem a ação	Educadores e educandos executam juntos a ação planejada	Educandos executam o que foi planejado
A Avaliação da ação	Educadores avaliam os educandos	Educadores e educandos discutem o quê e como avaliar a ação realizada	Educandos avaliam a ação realizada
A Apropriação dos resultados da ação	Resultados apropriados pelos educadores	Educadores e educandos compartilham os resultados da ação planejada	Educandos se apropriam dos resultados

Fonte: ALVES, 2002, p. 208

Antunes⁷⁶ constrói a narrativa que a base, o alicerce da educação está disposto nos quatros pilares da educação, pois a partir do momento em que o indivíduo tem uma compreensão integrada de como funciona de fato estes quatros pilares, ele tem um preparo fundamental para viver em sociedade, se comunicar de forma clara e objetiva com as demais pessoas e ser o próprio agente transformador

⁷⁵ ALVES, Rubem. **Por uma educação romântica**. 2. ed. Campinas: Papirus, 2002. p. 208.

⁷⁶ ANTUNES, C. **A prática dos quatro pilares da educação na sala de aula**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p. 14.

de sua trajetória de vida. Nesse cenário entende-se ser uma das prioridades, ao educando que está em formação e buscando assimilar conhecimento, aprender a conhecer tudo aquilo que está a sua volta ou tudo aquilo que lhe for mostrado, aprender a colocar em prática os conhecimentos que foram repassados e construir suas próprias ideias, através de uma atenção, memorização e compreensão, aprender a conviver e ter respeito com a outra pessoa, principalmente sobre suas opiniões, sejam elas diferentes ou não e, por fim, saber lidar com as relações interpessoais, ser crítico e ter um olhar mais detalhista sobre o que acontece em seu cotidiano de vida⁷⁷.

Rubem Alves se referia a um educando que de fato fizesse parte do sujeito do processo educacional sendo compreendido como um fator de suma importância para a construção do conhecimento e não só como uma pessoa que recebe conteúdos e não tem posicionamento crítico. No entanto, para que esta concepção ocorra faz-se imperativo compreender e aplicar a metodologia correta para que os educandos tenham um aprendizado significativo⁷⁸.

Metodologias adequadas referem-se a metodologias ativas, um elemento diferente e inovador que ocupa o lugar das práticas pedagógicas tradicionais aplicadas em sala, onde o educador funciona tão somente como o emissor, o proprietário do conhecimento e o educando somente como um recipiente que assimila conteúdo. Nas metodologias ativas o educador desempenha o papel de mediador e nesse momento ele disponibiliza desafios e provoca incertezas nos seus discentes, fazendo com que o educando seja despertado para pensar a situação, repensar e principalmente ir em busca de alternativas coerentes para um determinado assunto, reformule suas ideias para que consiga realizar uma análise e assim transmitir os resultados que conseguiu com a sua busca pelo conhecimento⁷⁹.

Para que os discentes estejam cada dia mais dispostos, mesmo a distância, é preciso investir em metodologias ativas.

Metodologias ativas são estratégias de ensino centradas na participação efetiva dos estudantes na construção do processo de aprendizagem, de

⁷⁷ NASCIMENTO, Josiele; SANTOS, Maria Goretti Teresinha dos Santos e. **Vida e obra de Rubem Alves: visões e contribuições para a educação**. 2019. 10f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Centro Universitário do Cerrado. Patrocínio, MG: UNICERP. 2019, p. 170.

⁷⁸ NASCIMENTO; SANTOS, 2019, p. 170.

⁷⁹ NASCIMENTO; SANTOS, 2019, p. 171.

forma flexível, interligada, híbrida. As metodologias ativas num mundo conectado e digital se expressam através de modelos de ensino híbridos, com muitas possíveis combinações. A junção de metodologias ativas com modelos flexíveis, híbridos traz contribuições importantes para a o desenho de soluções atuais para os aprendizes de hoje⁸⁰.

A aprendizagem ativa proposta para os discentes auxilia no desenvolvimento cognitivo deles, durante a realização das atividades os discentes trabalham de maneira a realizar operações mentais, tarefas diferenciadas e no ensino remoto os professores podem sugerir atividades flexivas assim como propor aprendizagens por experimentação, com o apoio das tecnologias móveis o bom professor, orientador e mentor é decisivo, porque visibiliza todo o processo de aprendizagem de cada estudante.

Compreende-se que com o passar do tempo e principalmente com os diversos avanços das tecnologias, os educandos que se encontram no interior da escola, hoje, já não estão inclinados a respostas que estão totalmente prontas, pelo contrário, existe o interesse por algo a mais. Desta forma, o educando faz uso da aprendizagem que ele assimilou para transformar a sua realidade de maneira que possa aplicar tudo aquilo que foi assimilado por ele, proporcionado benefícios para seu crescimento pessoal e interpessoal, colaborando para construção de uma sociedade melhor, visto que mudanças sociais significativas somente podem ocorrer se a educação for transformada.

[...] A verdadeira resistência para o estabelecimento de Metodologias Ativas, ou qualquer outra expressão que se queira utilizar para uma pedagogia atualizada em relação ao que de mais avançado se tem praticado em educação – não são os educandos, muito menos os professores. Mas as regras e os procedimentos pedagógicos que são enfiados goela abaixo de professores e educandos por setores pedagógicos, sem discussão com a comunidade [...] ⁸¹.

Alves⁸² também acreditava que projetos impróprios ou formas de ensino focadas apenas em repetição de fórmulas e conteúdos não acrescentavam de maneira positiva para a aprendizagem dos educandos e ainda contribuía para um grande problema que atingia diretamente a educação. Um dos seus

⁸⁰ MORAN, J. M. Metodologias ativas e modelos híbridos na educação. In: YAEGASHI, Solange *et al.* (orgs). **Novas Tecnologias Digitais: Reflexões sobre mediação, aprendizagem e desenvolvimento.** Curitiba: CRV, 2017, p. 24.

⁸¹ NASCIMENTO; SANTOS, 2019, p. 171.

⁸² ALVES, Rubem. **Alegria de ensinar.** Campinas, SP: Papirus, 2000, p. 29.

questionamentos era, por que não fazer com que o educando exercite o “pensar”? Não se trata de ser proibido fazer uso de instrumentos ou conhecimentos que já foram trabalhados, mas porque não inovar com diversificação ou mesmo fazer com que o educando tente e consiga chegar a um resultado fazendo uso de sua própria estratégia?

Assim Alves⁸³ pontua o seguinte:

[...] Se existe um jeito fácil e rápido de amarrar os cordões dos sapatos, não vejo razão alguma para submeter o educando às dores de inventar um jeito diferente [...] O saber já testado tem a função econômica: a de poupar trabalho, a de evitar erros, a de tornar desnecessário o pensamento.

A proposta dos autores mencionados é que os educadores tenham dedicação única para focar na arte de ensinar, uma vez que o educando em processo de desenvolvimento está sob sua supervisão. Este, com o apoio da instituição de ensino, poderá contribuir para a formação de educandos alcançando o perfil exigido ao atendimento das exigências sociais contemporâneas.

O educador tem intervenção direta no pensamento dos educandos, pois estes enxergam o educador como o modelo de aprendizagem. É justamente nesse momento que ocorrem a maior parte dos equívocos da educação, porque não está cometendo um erro o educador quando ensina algo que já obteve êxito anteriormente, mas é a forma que isto é passado para o educando fazendo com que ele acredite que existe somente uma maneira de aprender e que, se ele chegar ao mesmo resultado de uma questão por caminhos diferentes pode ter cometido um erro, limitando a capacidade de raciocínio do discentes⁸⁴.

Acreditando na capacidade de aprendizagem do educando e considerando-o elaborador do seu próprio conhecimento ele pode criar diversas alternativas de aprendizagem chegando ao resultado correto de um problema por meio de seu potencial e suas habilidades. Surge assim a importância de se afirmar que existem diversas formas para aprender e assimilar conteúdos⁸⁵. Supõe-se que é determinante que ocorra aprendizagem significativa e que seja estabelecida uma boa relação entre educador e educando e que o educador tenha como prioridade o

⁸³ ALVES, 2000, p. 29.

⁸⁴ NASCIMENTO; SANTOS, 2019, p. 172.

⁸⁵ NASCIMENTO; SANTOS, 2019, p. 172.

que realmente é importante para o cotidiano do educando e que dê sentido ao aprender.

A aprendizagem significativa se caracteriza pela interação entre conhecimentos prévios e conhecimentos novos. Nesse processo, os novos conhecimentos adquirem significado para o sujeito e os conhecimentos prévios adquirem novos significados ou maior estabilidade cognitiva⁸⁶.

Dessa forma, a Aprendizagem Significativa beneficia a construção de inovadores conceitos e associações estabelecidas através de um processo de construção e que acaba sendo modificado constantemente. Neste processo, o discente precisa despertar sua própria motivação para ter prazer em aprender, não se trata especificamente da motivação, mas sim de força de querer e esforço diário de interesse para querer adquirir conhecimento. Essa é uma atitude importante e é a primeira que deve ser feita para que construção de uma aprendizagem se torne significativa e não uma elaboração mecânica ou que ocorra de forma temporária⁸⁷.

Nas palavras de Aragão, por exemplo, “na aprendizagem significativa, portanto, a estrutura cognitiva está em permanente processo de mudança, mesmo se não é deliberadamente influenciada de forma a assegurar seu efeito sobre nova aprendizagem”.⁸⁸

Mediante estudos e explicações sobre essa teoria de assimilação ou teoria da aprendizagem significativa de Ausubel⁸⁹, o que fica claro é que se trata de uma teoria cognitivista e procura explicar os mecanismos internos que são processados dentro da mente humana com relação ao aprendido e a forma como esse conhecimento é estruturado. O autor direciona seu foco especialmente nesta questão, onde analisando alguns de seus trabalhos pode-se perceber que existe uma proposta concreta para o direcionamento para o contexto acadêmico. Sua visão consiste em fortalecer o valor da aprendizagem como uma descoberta, mas também

⁸⁶ MOREIRA, Marco Antonio. **O que é afinal aprendizagem significativa?** Porto Alegre: Instituto de Física - UFRGS, 2010, p. 2.

⁸⁷ ZARATINI, Paulo Fernando. Experimentação em óptica nas séries iniciais do ensino fundamental: uma compreensão fenomenológica. 2014. **Dissertação** (Mestrado em Ensino de Ciência e Tecnologia) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2014, p. 17.

⁸⁸ ARAGÃO, Rosália Maria Ribeiro de. **Teoria da aprendizagem significativa de David P. Ausubel: sistematização dos aspectos teóricos fundamentais.** 1976. 97f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1976, p. 16.

⁸⁹ AUSUBEL, David Paul; NOVAK, Joseph D; HANESIAN, Helen. **Psicologia educacional.** Tradução de Eva Nick. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980, p. 3.

não deixa de valorizar a aula do tipo expositiva como fundamental para aquisição de conhecimento.

O processo de educar não é algo fácil de se executar e Alves⁹⁰ mostra que para alcançar um êxito nesse processo que ele chama de ensinagem o educador deve possuir a “vocação” propriamente dita que se torna um elemento indispensável para que a educação aconteça de forma positiva, onde o educando atua como o protagonista percebendo o educador como uma peça importante da engrenagem e assim ambos mostrem resultados satisfatórios.

Diante disso, é dever do educador se valorizar e motivar-se todos os dias para desempenhar com proeza à arte de educar, pois sua profissão acaba deixando marcas e sinais na vida das pessoas, e seus ensinamentos acabam sendo lembrados durante a trajetória de existência dos seus educandos, uma vez que “Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuaremos a viver naqueles cujos os olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais”⁹¹.

O mesmo autor enxerga o educador como facilitador dos conteúdos e o educando como um aprendente constante e ambos buscando a igualdade social. Era necessário criar um novo olhar para a educação que proporcionasse inovações, que somasse para as necessárias alterações que os educandos atualmente necessitam para permanecerem na escola, alterações essas que consigam ajudar a contribuir para o crescimento pessoal do educando enquanto um ser em formação construindo sua identidade. No entanto, acredita-se que o professor/educador é o principal responsável para fazer isso acontecer.

Eu diria que os educadores são como velhas árvores. Possuem uma face, um nome, uma “estória” a ser contada. Habitam um mundo em que vale a relação que os liga aos educandos, sendo que cada educando é uma “entidade” sui generis, portador de um nome, também de uma “estória”, sofrendo tristezas e alimentando esperanças. E a educação é algo pra acontecer nesse espaço invisível e denso, que se estabelece a dois. Espaço artesanal⁹².

Rubem Alves em sua obra “A menina e o pássaro encantado” retrata como é errado bloquear os sentimentos que existem dentro de cada ser humano, e até

⁹⁰ ALVES, 2000, p. 30.

⁹¹ ALVES, 2000, p. 3.

⁹² ALVES, 2000, p. 19.

mesmo aprisionar o que te faz bem. Na atualidade é perceptível que uma boa parte das escolas aprisionam seus educandos, agindo como se fosse as únicas donas do saber que deveria ser aprendido, e deixando de proporcionar uma ambiência suficiente e rica para promover o crescimento do educando e a sede da busca por novas alternativas e transformações, pois receber o aprendizado e guardá-lo só para si, não pode proporcionar qualquer diferença em seu convívio social, por isso a educação deve propor mudanças e principalmente ser libertadora⁹³.

O professor é o condutor do processo ensino aprendizagem, como também das relações que acontecem na sala de aula. Deve-se desmistificar a posição do professor como ser dotado de saberes, frio e distante, onde sua função é somente transmitir informações. O educador vai muito, além disso, ele assume o papel de mediador entre o conhecimento e a construção do mesmo. Existem várias diretrizes a seguir, uma delas é a afetividade, a empatia, ou seja, a capacidade de se colocar no lugar do discente, vivenciar suas dúvidas, seus anseios medos e perspectivas e de maior importância ao ser compreendido.

Para que haja entendimento, interações e necessário fazer-se um elo de união, companheirismo, e juntos, sejam construtores de conhecimento, sujeitos ativos na coletividade, partindo do princípio, da sala de aula, das interações, do prazer de construir, fazer, sentir-se útil enquanto ser autônomo, das suas ideias, conquistar a liberdade a cada momento, no cotidiano de sala de aula, no interagir com o próximo, na conscientização de cidadãos atuantes na sociedade⁹⁴.

O professor deve priorizar e adquirir algumas qualidades concernentes a suas práxis pedagógicas, como compreensão da realidade na qual está inserido comprometimento político, habilidade e competência na área de conhecimento, no qual atua promovendo a integração entre os sujeitos do processo educativo⁹⁵.

O professor é referencial para o desenvolvimento do bom relacionamento, o alicerce da colaboração, do trabalho coletivo, ele dinamiza todo o processo de ensino-aprendizagem, pois a educação não acontece em partes, e sim com o interagir entre professor- discente e sociedade. A educação se realiza a partir do encontro do ser humano, e este necessita do outro para viver, compartilhar

⁹³ FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p. 78.

⁹⁴ BRUST, Josiane Regina. **A influência da afetividade no processo de aprendizagem de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental**. 2009. 44f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009, p. 16.

⁹⁵ LUCKESI, C. C. **Filosofia e Educação**. São Paulo; Cortez, 1994, p. 110.

conquistas, anseios, dúvidas, aprendizado, cultura, desafios e esperanças, pois o ser humano é um ser social, e se relaciona com a sociedade e outros homens.

Luckesi⁹⁶ discorre sobre a necessidade de existir um envolvimento afetivo entre as principais figuras desse processo, o professor e o discente:

Além da competência teórica, técnica e política, uma paixão pelo que faz. Uma paixão que se manifesta ao mesmo tempo de forma afetiva e política. Sem essa forma de paixão as demais qualidades necessárias ao educador tornam-se mais frias.

O processo educativo exige envolvimento afetivo. Daí vem a “arte de ensinar”, que nada mais é do que um desejo permanente de trabalhar das mais variadas e adequadas formas para elevação cultural dos educandos.

Os professores que utilizam métodos pedagógicos diferentes, mostram-se preocupados em motivar os seus discentes para produção de conhecimentos, com um olhar bem além de uma aprendizagem significativa, concreta a sua própria realidade. Nesse momento o professor competente antevê seu real papel como cidadão e docente, quando busca caminhos para libertar o discente, quando o impulsiona a ser autônomo, a ser crítico e o instrumentaliza para a pesquisa.

Sendo assim, Goes⁹⁷ analisa o discente como um ser crítico:

Ser crítico é também ser autônomo, é também ser criativo e é também ser reflexivo. Tal repetição do advérbio também não é gratuita, uma vez que todas as três unidades de sentido fazem referência ao termo crítico por comparação e adjacência, isto é, acabam por definir esse crítico por comparação com outro adjetivo ou listando o crítico dentre uma vizinhança de diferentes características.

Freire⁹⁸ pontua que

Ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria. O desrespeito à educação, aos educandos, aos educadores e as educadoras corrói ou deteriora em nós, de um lado, a sensibilidade ou abertura ao bem-querer da própria prática educativa, de outro, a alegria necessária ao que fazer docente. É digna de nota de nota a capacidade que tem a experiência pedagógica para despertar, estimular e desenvolver em nós o gosto de querer bem e o gosto da alegria, sem a qual a prática educativa perde o sentido.

Além da relação professor/ discente é importante que o professor tenha conhecimento do aprendizado que seu discente possui logo no início, e que o

⁹⁶ LUCKESI, 1994, p. 117.

⁹⁷ GOES, Aline de. “**Tornar o aluno crítico**”: enunciado (in)questionável no discurso da educação matemática escolar. 2015. 189f. Dissertação (Mestrado em Educação Científica e Tecnológica) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, Florianópolis, 2015, p. 92.

⁹⁸ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2018, p. 139.

mesmo possa ser desenvolvido com as práticas pedagógicas a partir desses resultados. Portanto, se entende que o ato de aprender é sem dúvida alguma das principais concepções da ação do professor sobre o seu compromisso de ensinar ou educar.

Para Freire, ensinar é uma forma de intervenção na sociedade mesmo além de simples transmissão de conteúdo, que se limita a reproduzir a ideologia dominante. No entanto ele ressalta que o educador deverá compreender que a sua prática não é neutra, a ponto de não poder tomar partida para novas capacidades de ensino. “É um erro decretá-la como tarefa apenas reprodutora da ideologia dominante como é erro tomá-la como uma força de desocultação da realidade, atuar livremente, sem obstáculos e duras dificuldades”.⁹⁹

Kenski, por sua vez, tem seu posicionamento sobre o significado de ensinar assim:

Ensinar não significa, simplesmente, ir para uma sala de aula transmitir conhecimentos, mas é também um meio de organizar as atividades para que a criança aprenda e produza conhecimentos. O ensino é caracterizado como um processo que envolve a organização do professor. É um processo de caráter sistemático, intencional e flexível, visando à obtenção de determinados resultados (conhecimentos, habilidades intelectuais e psicomotoras, atitudes, etc.). Ao professor compete preparar, dirigir, acompanhar e avaliar o processo de ensino tendo em vista estimular e suscitar atividade própria das crianças para uma aprendizagem significativa.¹⁰⁰

A expectativa, portanto, está centrada na instituição de ensino, sendo assim um lugar ideal privilegiado para a materialização da ação educativa. Entretanto compreende-se que, é necessário ter condições físicas, materiais, equipamentos em geral, de uso pedagógico. O bom desenvolvimento das atividades prevista no projeto pedagógico da instituição depende tanto destes requisitos como de professores formados e valorizados.

Por fim, o papel do professor segue sendo de enorme importância, sua missão consiste na capacidade de criar um ambiente que seja propício e envolvendo para a plena assimilação do saber, servindo de facilitador para a aquisição do processo de ensino e aprendizado. A aprendizagem significativa é vista como uma

⁹⁹ FREIRE, 2018, p. 140.

¹⁰⁰ KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias**: o novo ritmo da informação. Campinas: Papirus, 2007, p. 43.

condição determinante quanto ao alcance desse objetivo, garantindo ao discente a versatilidade de agir autonomamente em diferentes contextos da sociedade contemporânea¹⁰¹.

O desafio é buscar constantemente abrir novos caminhos, pois em consequência disso, maiores são as possibilidades para uma maior eficiência da arte de ensinar. Para conseguir isso, é importante ser capaz de gerar progressos pessoais e sociais para promover o envolvimento dos discentes. A missão do professor é preparar esses discentes para que consigam ser independentes e superar seus desafios seja uma prática diária como seres humanos e cidadãos.

É possível estabelecer uma relação entre os pensamentos de Alves em relação a proposta de educação posta pela Escola da Ponte, em Portugal, tomando por base os valores da sociedade atual que se afastam diariamente da oportunidade de oferecer ao ser humano uma vida feliz. A utopia pedagógica de Rubem Alves hesita nesses valores, e por isso acaba sendo vista como um horizonte muito distante, mas não impossível de alcançar: uma educação que se desenvolve através de experiências próprias, de preocupações vitais, uma educação voltada para a alegria, a sensibilidade e a solidariedade.

Na referida escola Rubem Alves o seu sonho foi finalmente concretizado, pois ficou encantado com a forma sutil dos educadores ensinarem e da forma em que os educandos conseguiam assimilar e de fato compreender tudo que estava sendo ensinado, de maneira liberta do sistema de regras que vinham sendo estabelecidas por anos, carteiras enfileiradas e o conteúdo seguido à risca. Alves¹⁰² afirma que:

Na Escola da Ponte, o currículo não existe em função do professor – é uma permanente referência do percurso de aprendizagem e de desenvolvimento do educando e uma referência permanente apropriada pelo educando. O educando é, assim, o verdadeiro sujeito do currículo – não um instrumento ou um mero destinatário do currículo. Os professores não são o sol do sistema curricular.

Por fim, compreende-se que a instituição de ensino moldada aos sonhos de Rubem Alves estava ali, a sua frente, onde a pessoa que mostrou a ele foi uma garotinha que, em seus dez anos de idade, conseguia transmitir toda a proposta da escola de forma simples, e bastante clara para quem ouve. O encantamento foi

¹⁰¹ KENSKI, 2007, p. 43.

¹⁰² ALVES, R. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. Campinas, SP: Papirus, 2001; Porto: Edições Asa, 2002, p. 18.

imediatamente tanto com a escola, quanto com a criança que lhe passava fornecia naquele momento tantos conhecimentos ao apresentar a escola onde estudava.

3.1 A curiosidade (Aprender a conhecer)

“Educar é mostrar a vida a quem ainda não a viu”¹⁰³. Educadores são profissionais que certamente amam crianças. Mas o segredo não é somente amá-las. É preciso que os profissionais ou professores tenha também a vontade de ensinar o mundo as crianças. O primeiro passo se trata de um dos pilares da educação APRENDER a APRENDER. É necessário que o momento de ensinar seja extremamente prazeroso, assim como o ato de compreender, descobrir, construir e reconstruir o conhecimento para que não seja passageiro, para que se mantenha ao longo do tempo e para que dê a prioridade necessária a curiosidade, a autonomia e a atenção permanentemente. É preciso também pensar o novo, reconstruir o velho e reinventar o pensar.

Essa aprendizagem vai além do domínio do conhecimento e não tem limitações em relação a aquisição de um acervo de saberes propriamente ditos. Ela acaba se relacionando ao domínio da forma como se assimila o conhecimento e das diversas formas como cada um irá administrar por meio do acesso ou da sua produção. Para Jacques Delors “aprender a conhecer supõe, antes de tudo, aprender a aprender, exercitando a atenção, a memória e o pensamento”.¹⁰⁴

A literatura a vê simultaneamente como um intermédio e uma finalidade. É meio, porque por meio dele se deseja que cada um aprenda a compreender e a lidar com a complexidade que o mundo oferece e do seu entorno sob os seus diversos aspectos, condição necessária para viver dignamente, para desenvolver possibilidades pessoais e profissionais, para desempenhar um papel muito mais ativo na determinação da verdade, beleza e bondade, que impregnarão suas próprias vidas¹⁰⁵.

¹⁰³ ALVES, 2002. p. 208.

¹⁰⁴ DELORS, Jacques (org.). **Educação**: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI; Tradução: José Carlos Eufrazio. UNESCO: Publicação MEC, 1998, p. 92.

¹⁰⁵ DELORS, 1998, p. 92

Além de se apropriar do conhecimento através de formas meramente descritivas, isso pressupõe compreender as bases e as condições em que se produzem os diferentes tipos de conhecimento e de pensamento.

De modo geral, em relação aos conhecimentos científicos, por exemplo, a escola ainda tem executado algumas concepções cuja origem está atrelada ao século XVIII, “transmitindo” conhecimentos acriticamente somente pelo fato de estarem previamente validados com o estatuto científico (como se condições subjetivas e intuitivas não estivessem implicadas na construção de grandes teorias científicas e como se teorias científicas não pudessem ser questionadas nos termos de suas proposições)¹⁰⁶.

Na prática, pode-se inclusive afirmar que esse elemento era o centro das descobertas, das novas aprendizagens aplicadas em sala de aula. Isso ocorria quando as pessoas associavam os conteúdos nas aulas interdisciplinares, quando era descoberto a forma diferente para um novo olhar a respeito de um determinado assunto mesmo se este já fosse algo conhecido. Além de utilizadas as salas temáticas, nos laboratórios aconteciam diversas experiências que ajudavam em novas formas de aprender a construir novos conceitos, de se alcançar novos e variados conhecimentos.

E é justamente assim, porque o prazer de descobrir, de conhecer e de compreender o mundo e as suas múltiplas formas de realidade é animador e pode ser ilustrado como quem alcançou uma autonomia na capacidade de discernir situações. A produção de conhecimento imagina que foi fruto de um grande e comprometido trabalho criativo. De muitas maneiras, a escola ainda faz opções distantes dessa perspectiva.

Essa descoberta e compreensão do mundo ocorre por meio do despertar da curiosidade intelectual e do espírito crítico do ser humano, por querer ir além do limite, da apreciação pelo ato de realizar questionamentos, de investigar, da felicidade de pesquisar, conhecer, compreender, descobrir, construir e reconstruir, criar e recriar o conhecimento e a qualidade das relações que são criadas com ele e as possíveis formas como o conhecimento pode melhorar a qualidade de vida humana.

¹⁰⁶ SAITO, Leila Miyuki; DIAS, Silas Barbosa. Os quatro pilares da educação nas organizações de aprendizagem. **Revista Terra & Cultura**: Cadernos de Ensino e Pesquisa, [S.l.], v. 28, n. 54, jul. 2018, p. 133.

É de grande importância uma educação ampla, pautada pela presença constante de uma cultura geral consistente e sólida, aberta a diversos campos do conhecimento e que aceita outras visões e principalmente outras metodologias para abrir novas perspectivas de relações construtivas entre as várias disciplinas disponíveis.

Entende-se que a Educação Básica pode apresentar melhores resultados se conseguir conduzir às pessoas as bases fundamentais e o desejo para continuar aprendendo ao longo de sua vida, em suas várias dimensões. Estar atualizado constantemente com o que acontece nas mais variadas áreas de interesse, refletir sobre os seus significados e procurar manter atualizada a sua linha de raciocínio é indispensável. Estar alerta a respeito da preservação de certos hábitos de pensamento e ação, mesmo que ainda estejam acomodados, e ser flexível a novas linhas de pensamento e ação, mesmo que despertem incômodo, necessitam de novos aprendizados e o questionamento desses aprendizados.

Para isso, Aprender para Conhecer precisa contemplar os três domínios da metacognição¹⁰⁷:

a) Aprender a aprender: é capacidade da pessoa em praticar o autodidatismo, ou seja, compreender, refletir e assimilar determinado conhecimento a partir de si próprio e dos recursos de que dispõe. É alguém capaz de acionar os mecanismos para o aprendizado, que não é passivo, e que vai ao encontro daquilo que deseja conhecer, desde a sua necessidade até a sua aplicação. É também um recurso para se permitir ser afetado pelo inédito e não temer o desconhecido.

b) Ensinar o ensinar: é a capacidade da pessoa em praticar o didatismo a partir do domínio de conhecimentos e de estratégias capazes de transmiti-los de forma metódica, clara, objetiva e acessível a outras pessoas, considerando a sua capacidade de assimilar e interagir com esse conhecimento.

É alguém que motiva o outro a conhecer, a querer conhecer e que o compromete com esse processo, apoiando-o no desenvolvimento e na descoberta de suas capacidades.

c) Conhecer o conhecer: é a capacidade da pessoa em praticar o construtivismo, transitando pelo caminho da construção do conhecimento,

¹⁰⁷ SILVA, Rômulo Davi da. Os quatro pilares da educação como ideias guias para a psicopedagogia contemporânea. **Revista TC Brasil**, João Pessoa, v. 1, n. 2, p. 252-278, 2017, p. 252.

mobilizando a sua condição para analisar, sintetizar e interpretar dados, textos, fatos e situações diversas.

3.2 O pensamento crítico (Aprender a fazer)

Em relação ao APRENDER a APRENDER é preciso aprender a FAZER. E as crianças apresentam um verdadeiro e puro deslumbramento por fazer. Em todo o momento as crianças querem estar “fazendo coisas”. Não se trata apenas de preparar-se com cuidados para introduzir-se no setor do trabalho. A rápida evolução por que passam as profissões implora que o indivíduo esteja preparado para enfrentar novas situações de emprego e a trabalhar com outras pessoas de sua equipe, desenvolvendo espírito cooperativo e de humildade na reelaboração conceitual e nas trocas, valores que não podem faltar quando se trata do trabalho coletivo. Ter atitude e intuição, gostar de arriscar-se em algum momento, ter uma comunicação clara e objetiva e resolver conflitos, além de ser flexível. Aprender a fazer envolve uma série de técnicas a serem trabalhadas¹⁰⁸.

Os Pilares Aprender a Conhecer e Aprender a Fazer constituem uma relação relevante entre si, ainda que Aprender a Fazer esteja mais relacionado ao âmbito da formação profissional, mas não restrito a ele.

As mudanças que ocorreram no mundo do trabalho contemporâneo passaram a transformar completamente as qualificações exigidas pelos processos produtivos. Caracteriza-se um movimento que a literatura intitula “desmaterialização do trabalho”.

O fazer deixou de ser somente instrumental. O que de fato é valorizado é a competência pessoal, que torna a pessoa com capacidade suficiente para enfrentar novas situações, e não apenas a restrita qualificação profissional. Não basta se preparar para fazer parte do mercado produtivo. A constante evolução pela qual passam as profissões exige não somente pessoas com níveis superiores de instrução, mas que o indivíduo seja capaz de fato para enfrentar novas situações nas quais trabalhar em equipe de modo cooperativo, gerenciar e resolver conflitos, desenvolver espírito em prol da contribuição e atitude de humildade se tornam valores que não podem faltar nesse trabalho coletivo. Ou seja, qualidades humanas

¹⁰⁸ ALVES, 2002, p. 208.

que se manifestam nas relações interpessoais e que são mantidas no trabalho passam a ter cada vez mais valor.

Se tivéssemos de eleger um jargão popular para ilustrar esse pilar, o mais indicado seria pôr a mão na massa. A todo o momento éramos instigados a fazer nossos trabalhos de forma diferente. Dentre as características e os exemplos que identificam esse pilar, podemos destacar que a capacidade de iniciativa, a criatividade e a autonomia dos jovens são fundamentais no processo de descoberta de como fazer as atividades de maneira diferente do comum¹⁰⁹.

A flexibilidade é um elemento muito importante, colaboradores com essa característica tem como a capacidade de ter iniciativa e de se comunicar de forma clara, não apenas na retenção e transmissão de informação, mas também é maior a sua capacidade de interpretar e selecionar a grande quantidade de informações, muitas vezes contraditórias, de analisar sob óticas diferentes e refazer as próprias opiniões mediante novos fatos e informações.

Aprender a fazer envolve contempla uma vasta lista de competências produtivas a serem desenvolvidas pelo domínio de habilidades básicas, específicas e de gestão, que possibilitarão a inserção das pessoas no mercado de trabalho atual. No meio escolar, educadores e educandos também acabam chamando a atenção quando são diferentes e tem a habilidade de fazer de fato aquilo que precisa ser feito, usando variadas linhas para chegar a um resultado satisfatório.

3.3 A importância da relação entre currículo e vida (Aprender a conviver)

Aqui destaca-se outro pilar, pois é preciso aprender a CONVIVER, a viver junto, em sociedade, a compreender outra pessoa, aceitar as diferenças e administrar conflitos. É oportuno afirmar que na realidade que se vive hoje, talvez este seja um dos conhecimentos que mais são valorizados. Uma educação baseada nestes quatro pilares significa o fim do ensino-aprendizagem com foco somente na absorção de conteúdos. Significa ainda mais, pois acaba conduzindo para uma educação que liberta contribui para crescer, que valoriza o pensar, e isto independe de qualquer método, metodologia ou linha pedagógica. No mundo atual, este é um elemento de vital importância para o aprendizado, porque de fato o que importa é

¹⁰⁹ ALVES, 2002, p. 208.

quem aprende a viver com os outros, a compreendê-los, a desenvolver a percepção de interdependência, a administrar conflitos, a participar de projetos comuns, a ter felicidade ou se sentir feliz no esforço comum¹¹⁰.

A aprendizagem que diz respeito a esse pilar é a de desenvolver a compreensão e aceitação de si próprio e também da outra pessoa a percepção da interdependência entre os seres humanos, conectado a questão do convívio, da forma como se trata, da realização de projetos comuns, da preparação para aprender a administrar e conduzir os conflitos respeitando valores plurais, da compreensão mútua e da convivência de forma harmoniosa.

Nos discursos encontrados pelos estudiosos, fica ainda mais claro que existe o reconhecimento da necessidade para fazer valer a coexistência pacífica e harmoniosa entre as pessoas e entre as pessoas e os lugares. No entanto, também se é jogado diante da hostilidade gratuita, da indiferença e da improdutividade do cotidiano.

A Filosofia, a Sociologia e outras áreas do conhecimento acabam alertando sobre a natureza humana caracterizada pela construção de vínculos, de laços, de relações e pela ideia de que não há existência humana sem que a comunicação seja estabelecida, diálogo e que os objetos não existem sem que haja interação entre eles.

Cada um traz consigo uma boa variedade de experiências, de conhecimentos, de herança cultural, de valores, de características e distintas formações que acabam se chocando. Nas relações que se estabelecem entre as pessoas, não são o conhecimento nem os bens materiais que o sujeito carrega que instalará o reconhecimento de um pelo outro, mas a sua história, a sua narrativa. E é nesse reconhecimento que se instalam as qualidades da relação, seja tensa ou integradora, construtiva ou predadora, harmônica ou conflituosa, de troca ou usurpação, de crescimento ou aniquilamento, de ódio ou compaixão, de respeito ou desprezo¹¹¹.

A sociedade acaba compactuando de um destino comum. Aprender a viver junto, com igualdades, semelhanças e diferenças é essencial para que nunca se perca de vista a referência de que há uma condição que torna todos iguais: a consciência da incompletude e impermanência.

¹¹⁰ ALVES, 2002, p. 208.

¹¹¹ SILVA, 2017, p. 252.

3.4 O exercício criativo da imaginação (Aprender a ser)

Por fim, é de suma importância também aprender a SER, o que necessariamente conduzindo para que seja educado os ouvidos para ouvir, e ouvir frequentemente aquilo que não é falado. Despertar no discente o sentido ético e estético, a responsabilidade pessoal, o pensamento autônomo, crítico a criatividade. É importante desenvolver sensibilidade, sentido ético e estético, responsabilidade pessoal, pensamento autônomo e crítico, imaginação, criatividade, iniciativa e crescimento integral da pessoa em relação à inteligência, pois são atributos que deixam o educando diferente da sociedade atual, ele se torna um participante ativo. A aprendizagem precisa ser integral, não pode ser ignorada nenhuma das potencialidades de cada indivíduo.

Com base nessa visão dos quatro pilares do conhecimento, pode-se esperar por grandes consequências na educação. O ensino-aprendizagem direcionado somente para a absorção de conhecimento e que tem sido objeto de estudo e preocupação constante de quem ensina deverá dar lugar ao ensinar a pensar, saber comunicar-se e pesquisar, ter raciocínio lógico, levantar sínteses e elaborações teóricas, ser independente e autônomo; enfim, ser socialmente competente para ir em busca de conhecimento.

É inaceitável conceber as disciplinas de formação técnica e teórica como um simples campo de domínio de técnicas e regras. Pois isso implica nas relações da teoria com a prática, que se faz necessário diante do curso de graduação, conhecer o campo educacional e suas reais situações. Portanto, a teoria tem um importante papel na vida do profissional da educação, orientar, refletir sobre a melhor forma de trabalhar o problema e os desafios da prática, sem deixá-los aflitos, educadores/educandos. Freire¹¹² discorre um pensamento interessante sobre o professor:

Como professor crítico, sou, um “aventureiro” responsável, predisposto a mudanças, à aceitação do diferente. Nada do que experimentei em minha atividade deve necessariamente repetir-se. Repito, porém como inevitável, a franquia de mim mesmo, radical, diante dos outros e do mundo.

¹¹² FREIRE, 2018, p. 49.

O professor por sua vez, possui um papel muito importante na construção da sociedade, principalmente no contexto educacional, pois é através de uma didática inovadora aplicada aos discentes que os mesmos desenvolverão capacidades de atuar, refletir, inovar, criar situações capazes de estimular o desenvolvimento crítico reflexivo diante do processo de ensino e aprendizagem.

A aprendizagem nas escolas precisa ser muito mais significativa à medida que as novas competências e mudanças (Conhecimento, Pensamento científico, crítico e criativo, Repertório cultural, Comunicação, Argumentação, Cultura digital, Autogestão, Autoconhecimento e autocuidado, Empatia e cooperação e Autonomia e responsabilidade) possam, com dedicação de ambas as partes, ser incorporado às estruturas de conhecimento de um discente, somente após um comprometimento essa aprendizagem pode ser adquirida de forma significativa, onde por meio da relação com seu conhecimento prévio se configure um aprendizado satisfatório (BRASIL, 2018).

Sendo assim, na sua prática pedagógica, o professor não pode mais ocupar qualquer posição que o aproxime da omissão, principalmente diante dos fatos sócios históricos locais e mundiais que tem ocorrido, e precisa entender não somente da disciplina que leciona, mais também de outras áreas, como política, ética, família para que o processo de ensino aprendizagem seja efetivado na sua plenitude e esteja o mais próximo possível da realidade do discente.

A parte mais importante dessa aprendizagem consiste na afirmação de que Aprender a Ser é ter a sua disposição um conjunto de competências que possibilitam alguém a se relacionar melhor consigo mesmo como condição determinante para conseguir se estabelecer uma comunicação clara com outras pessoas e com as suas circunstâncias naturais, sociais, econômicas, políticas e culturais, além de se relacionar com a dimensão transcendental, de natureza religiosa ou não.

O estudo em questão adere ao postulado anunciado no relatório coordenado por Delors:

O desenvolvimento tem por objeto a realização completa do homem, em toda a sua riqueza e na complexidade de suas expressões e dos seus

compromissos: indivíduo, membro de uma família e de uma coletividade, cidadão e produtor, inventor de técnicas e criador de sonhos¹¹³.

Essa é a aprendizagem responsável por preparar melhor o indivíduo para elaborar pensamentos autônomos e críticos e formular seus próprios juízos de valores, de modo a poder decidir por si mesmo diante das diferentes circunstâncias que a vida proporciona. Ajuda a desenvolver a competência pessoal, que é a capacidade da pessoa para se comportar com plena autonomia, responsabilidade e compromisso na relação consigo próprio, na convivência com os outros e com os meios nos quais estão e na construção de um Projeto de Vida que leve em conta o seu próprio bem estar e uma melhor vida em comunidade¹¹⁴.

Esse pilar conjuga as demais competências ao mesmo tempo em que, se desenvolvidas, podem ajudar de maneira significativa para o desenvolvimento das potencialidades humanas inscritas nos seus vários domínios. A educação é o caminho para esse desenvolvimento se ela for tratada numa visão mais ampla do que simplesmente a transmissão de conhecimentos. Em outras palavras, trata-se da educação como meio para levar o ser humano ao que Abraham Maslow considera como sendo autorrealização.

Segundo Abraham Maslow, o que motiva as pessoas são as necessidades insatisfeitas onde o progresso é causado pelo esforço das pessoas para satisfazer suas necessidades. Ele desenvolveu a teoria sobre a hierarquia das necessidades, onde a maioria das pessoas procura satisfazê-las na seguinte ordem: necessidades básicas, de segurança, associação, status e auto-realização. Mas essa ordem de prioridade corresponde a uma tendência média, e a prioridade a uma necessidade não significa a eliminação das demais e variam de cada pessoa a importância atribuída a essas necessidades.

Os estudos de Maslow foram fundamentais para as pesquisas científicas sobre motivação e volta-se para o estudo da Teoria da Personalidade e do Desenvolvimento Humano. Passa-se a considerar o ser humano complexo como um indivíduo que tem necessidades ligadas ao seu ego, ao seu desenvolvimento pessoal, a sua aprendizagem e a sua realização. De acordo com os valores e

¹¹³DELORS, Jacques (org.). **Educação**: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez, 1997, p. 101.

¹¹⁴ ALVES, 2002, p. 209.

características de identidade de cada indivíduo ou grupo, seus objetivos e interesses serão diversificados uns dos outros, e é modificado com o passar do tempo.

4 RUBEM ALVES: PENSAMENTO TRADUZIDO EM AÇÕES PEDAGÓGICAS

Como pedagoga e professora dos anos iniciais do ensino fundamental, pretendo apresentar três planos de aula completos, a partir de temas a serem abordados nas turmas do 4º ano, que expressem/traduzem pedagogicamente o pensamento de Rubem Alves acerca da educação (e teologia, conseqüentemente, já que as duas estão imbricadas, inter-relacionadas).

A proposta aqui é, em um primeiro momento, trazer os planos de ensino e, em seguida, explicar como esses os pilares de Rubem Alves estão incutidos nas ações expostas e propostas nos planos.

O plano de aula precisa atender a todas as especificidades dos itens que o compõem. Trazer o objetivo da aula bem especificado, uma avaliação que revele se a intencionalidade foi atingida e as atividades relacionadas aos conteúdos que desenvolverão as habilidades necessárias para que ocorra a aprendizagem.

Gandin, destaca que o plano de aula é uma forma do docente preparar sua aula e atividades, traçando objetivos que deseja alcançar. Dessa forma o plano é uma rotina diária do professor, é um compromisso do educador com a escola, seus discentes e seu trabalho.¹¹⁵

Libâneo defende seu posicionamento sobre o plano de aula:

O plano de aula é um detalhamento do plano do ensino. As unidades e subunidades (tópicos) que foram previstas em linhas gerais são agora especificadas e sistematizadas para uma situação didática real. A preparação de aulas é uma tarefa indispensável e, assim como o plano de ensino, deve resultar num documento escrito que servirá não só para orientar as ações do professor como também para possibilitar constantes revisões e aprimoramentos de ano para ano.¹¹⁶

Para tanto, ele precisa apontar uma avaliação que esteja alinhada aos objetivos de aprendizagem e que retrate se estes foram ou não alcançados.

¹¹⁵ GANDIN, Danilo. **A prática do planejamento participativo**: na educação e em outras instituições, grupos e movimentos dos campos cultural, social, político, religioso e governamental. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 13.

¹¹⁶ LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990, p. 241.

4.1 Plano de aula: De Platão a Rubem Alves: Eros na educação contemporânea

<p>Plano de Aula</p> <p>Data: 07/02/2024</p>
<p>Dados de Identificação</p> <p>Professora: Leila Micaela Cavalcante dos Santos Disciplina: Português/Ensino Religioso Turma: 4º ano A Período: Matutino Duração: 90 minutos</p>
<p>Tema</p> <p>- De Platão a Rubem Alves: Eros na educação contemporânea</p>
<p>Objetivos:</p> <p>Objetivo geral</p> <ul style="list-style-type: none"> -Compreender o conceito de Eros na filosofia de Platão e sua relevância para a educação. -Conhecer a visão de Rubem Alves sobre a educação e o papel do amor (Eros) no processo educacional. -Desenvolver habilidades de leitura e interpretação de textos filosóficos e literários. -Refletir sobre o valor do amor e do desejo de conhecimento na vida escolar e pessoal. <p>Objetivos específicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Enfatizar como o professor pode despertar o desejo e o prazer de aprender ao discente. - Entender como surge o Amor, Educação e Sociedade Civil Ateniense; - Defender a pedagogia de Alves e suas semelhanças com Platão.
<p>Conteúdo</p> <ul style="list-style-type: none"> - Biografia de Platão e Rubem Alves - O desejo e o prazer de aprender ao discente - O Amor, Educação e Sociedade Civil Ateniense - A pedagogia de Alves e suas semelhanças com Platão

<p>Recursos didático</p> <p>Textos selecionados de Platão e Rubem Alves. Quadro branco, marcadores, cartolinas, canetas coloridas. Projetor multimídia . Materiais de desenho e pintura.</p>
<p>Avaliação</p> <p>-Participação nas atividades de leitura e discussão. -Qualidade das apresentações em grupo. - Criatividade e clareza nos cartazes/desenhos. - Reflexão e argumentação nas produções textuais</p>
<p>Bibliografia</p> <p>NUNES, Luiza de Freitas. De Platão a Rubem Alves: Eros na educação contemporânea. Filosofia e Educação [RFE] – Volume 9, Número 3 – Campinas, SP Outubro de 2017-Janeiro de 2018 – ISSN 1984-9605 – p.</p>

Nesse plano de aula, levando em consideração o artigo de Luiza de Freitas Nunes, relata que o amor é um tema presente nas mais diversas obras platônicas, onde são encontradas grandes referências: Fedro, Lísis, República e, o mais importante e especialmente dedicado ao tema, Banquete. Na concepção de Platão, o amor é entendido como sendo a base da educação. O mesmo pensa Rubem Alves na contemporaneidade. Sendo assim, então, é interessante passar para discentes de uma forma geral que esse amor platônico que leva o nome de Eros – a partir, sobretudo, das obras Banquete e Fedro – e apontar, seguindo o caminho da pedagogia rubemiana, sua importância como instrumento e base para a educação nos dias atuais¹¹⁷.

O ensino é a peça central de todo o processo educativo. Para que haja a aprendizagem, primeiro tem que haver ensino. Independentemente de acontecer na escola ou não, na aula, ele toma proporções mais amplas e sistemáticas, onde o sucesso da aprendizagem dependerá do ensino. Por esse motivo, o ensino exige o comprometimento do educador, ver o ensino como forma de prazer, impulsionando-o a novos desafios e novas conquistas, havendo um compartilhar de prazeres entre o que está aprendendo e o que está ensinando.

Quando ensina se trabalha simultaneamente com o diálogo, com o conhecimento pessoal e íntimo do discente, com as aspirações e frustrações, o

¹¹⁷ NUNES, Luiza de Freitas. De Platão a Rubem Alves: Eros na educação contemporânea. **Filosofia e Educação** – RFE, Campinas, v. 9, n. 3, p. 101–119, out. 2017, p. 101.

gosto pela conquista da liberdade, do pensar, do agir, concluir de forma autônoma, consciente de suas decisões.

A riqueza do ensino encontra-se também na harmonia e afetividade do relacionamento entre educador e educando. Tem que haver cumplicidade luta por objetivos comuns, uma educação igualitária vida digna para todos e não uma união em que ambos fingem desempenhar seus papéis: o professor finge que ensina e o discente finge que aprende. Que cada um esteja consciente da sua função dentro do processo educativo.

Rubem Alves, no texto apontado (De Platão a Rubem Alves: Eros na educação contemporânea) também relata a respeito de uma educação como “devoração”. É a educação antropofágica. Aqueles que praticam a antropofagia não o fazem por motivos alimentares, diz Alves¹¹⁸, mas por amor. Come-se a carne e bebe-se o sangue dos mortos para que eles continuem vivos naqueles que os ingerem. É exatamente assim que fazem as tribos indígenas antropofágicas, porque, uma vez que amam seus mortos, devoram-nos para que ressuscitem de sua morte e permanecem vivos no sangue e na carne dentro daquelas pessoas que as comeram. Em uma educação antropofágica, portanto, devoram-se os conteúdos ensinados para que aquele que ensina e para que os próprios conteúdos estejam sempre no interior do ser humano, para que permaneçam vivos.

“Quando se admira um mestre, o coração dá ordens à inteligência para aprender as coisas que o mestre sabe. Saber o que ele sabe passa a ser uma forma de estar com ele. Aprendo porque amo, aprendo porque admiro”¹¹⁹. Não existe uma devoração se não quisermos devorar também a pessoa que é dotada de um forte ensino. É pelo afeto que temos por quem ensina que devoramos. Porque amamos tanto que não queremos que jamais se afaste. Surge um questionamento, e não é exatamente por esse motivo que devoramos os livros daqueles autores que muito gostamos? Devorar é consumir o máximo possível, é consumir com anseio sem restrição, procurando assimilar o máximo possível de informação. Na educação erótica há devoração, porque existe um elemento chamado amor, há Eros; e devora-se porque existe afeto, há uma relação horizontal entre professores e discentes e

¹¹⁸ ALVES, Rubem. **Estórias de quem gosta de ensinar**. 13. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2013, p. 10.

¹¹⁹ ALVES, Rubem. **Por uma educação romântica**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 2002, p. 208.

perdura uma amizade. Se me apaixono por quem ensina, desejarei aprender tudo o que ele puder ensinar.

Neste aspecto, contudo, há uma importante diferença entre Rubem Alves e Platão: quando falamos em antropofagia falamos em um saber externo, devoramos os ensinamentos que vêm de fora. Ideia oposta à reminiscência, que é um saber interno, rememorado, muitas vezes com um auxílio externo, isto é, com a ajuda de um mestre e através do método dialético que traz à luz o conhecimento já existente em nós. Mas talvez fosse possível pensar em antropofagia e reminiscência como um duplo acontecimento no contexto educacional, com a possibilidade de devoramos os ensinamentos do mestre porque a convivência educacional nos gera a reminiscência de saberes¹²⁰.

De qualquer modo, o amor serve para medir a educação. Na antropofagia devora-se porque existe a condição do amor. Na pederastia, o amor vem da relação que gera a reminiscência. Assim, se não é possível ter amor, e isto significa sentir-se seduzido, nem tampouco transbordar e doar amor, ou seja, ter a capacidade de seduzir, a educação, então, ou não acontece ou se torna algo desestimulador. “Podem me acusar de ingênuo e romântico: afirmo que a renovação da educação terá que passar pela transformação afetiva dos professores”¹²¹.

É necessário que na sala de aula os docentes mudem a questão chave e comece a se perguntar como seria a maneira mais coerente para despertar o desejo dos discentes na procura pelo saber contínuo. A melhor forma de ensiná-los acaba aparecendo como consequência. Se os educadores trabalharem para o despertar do desejo, o melhor método de ensino será aquele que efetive o propósito. Não é necessário sacar as teorias metodológicas pedagógicas fora. Mas que nos lembramos dos ensinamentos da filosofia antiga, que Rubem Alves trabalha com maestria em sua pedagogia do amor. Que o desejo seja o norte e o amor a medida, mesmo dentro do contexto sistêmico da educação mercadológica.

O papel do professor é facilitar a aprendizagem do discente, ou seja, conduzir o discente a aprender, não transmitir, mas criar condições para que os alunos adquiram informações e conheça e produza cultura, organize estratégias, meios para que se aproprie do conhecimento, agindo com prazer, mantendo um clima de harmonia, criando vínculos de afetividade, para que desempenhe seu ofício com compromisso político e competência técnica. O professor deve vivenciar os ideais, atitudes e valores que deseja cultivar nos discentes e deve, também, oferecer

¹²⁰ NUNES, 2018, p. 117.

¹²¹ ALVES, Rubem. **Sete Vezes Rubem**. Campinas, SP: Papyrus, 2012, p. 138.

oportunidades para as reações afetivas de carinho, amizade e amor dos mesmos além de propiciar um ambiente de paz que todos nós necessitamos.

A paciência e a tranquilidade do professor demonstrada logo no início e durante todo o período da aula é que fazem o ambiente acolhedor que o discente precisa para estudar, se desenvolver e crescer diferindo do stress e violência em que vive grande parte da sociedade atual.

Um professor que acredita nas potencialidades do aluno, que está preocupado com sua aprendizagem e com seu nível de satisfação, exerce práticas na sala de aula de acordo com essa posição, pois procura tornar as aulas mais agradáveis, estimular a participação do discente, induz a crítica, à curiosidade e à pesquisa e está sempre inovando o desenvolvimento das aulas, procurando sempre a participação efetiva do discente no ensino.

4.2 Plano de aula: O pilar da educação “aprender a conviver”, pode ser explorado através do teatro?

Plano de Aula
Data: 08/02/2024
Dados de Identificação
Professora: Leila Micaela Cavalcante dos Santos Disciplina: Português/Ensino Religioso Turma: 4º ano A Período: Matutino Duração: 90 minutos
Tema
- O pilar da educação “aprender a conviver”, pode ser explorado através do teatro?
Objetivos:
Objetivo geral
Estabelecer a real importância do teatro na educação como promovedor de aprendizagens.
Objetivos específicos:
- Desenvolver as práticas educativas inovadoras dentro das escolas; - Compreender a relação dos quatro pilares da educação: “aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser” através do teatro;

- Sugerir como o pilar “aprender a conviver”, pode ser explorado através dos jogos teatrais e das montagens de espetáculos.
Conteúdo
- Práticas educativas inovadoras dentro das escolas - A relação dos quatro pilares da educação: “aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser” através do teatro - O pilar “aprender a conviver”, através dos jogos teatrais e das montagens de espetáculos.
Recursos didáticos
Textos teatrais adaptados para crianças. Jogos Teatrais Quadro branco, marcadores, cartolinas, canetas coloridas. Figurinos e adereços simples. Espaço para ensaios e apresentações teatrais.
Avaliação
-Participação nas atividades de leitura e discussão. -Envolvimento e dedicação nos ensaios e preparação da peça teatral. -Expressão oral e corporal durante a apresentação. -Reflexão crítica nas discussões e atividades em grupo.
Bibliografia
SOUZA, Juliana Campoy Miranda De; LUFT, Hedi Maria. O pilar da educação “aprender a conviver”, pode ser explorado através do teatro? Salão do Conhecimento. UNIJUÍ, 2018.

Enquanto surge formas inovadoras de promoção da aprendizagem através de diversos educadores ao redor do mundo, o teatro ainda não tem recebido seu merecido espaço na educação. Pior do que isso, nos últimos tempos ele tem perdido seu reconhecimento como um facilitador de aprendizagens. O teatro tem ficado em último plano sendo inclusive visto como educação não formal, e, para alguns ainda, é desvalorizado enquanto conhecimento. No entanto, sabe-se que o teatro tem capacidade para retomar e deve voltar a ser explorado, mais intensamente, na educação formal¹²².

Mesmo o teatro não tendo o poder de substituir a aprendizagem constituída na educação familiar, pode ainda proporcionar a contribuição para a mudança de alguns comportamentos não adequados a convivência em sociedade. Na escola, o

¹²² SOUZA, Juliana Campoy Miranda De; LUFT, Hedi Maria. O pilar da educação “aprender a conviver”, pode ser explorado através do teatro? **Salão do Conhecimento**, [S. l.], v. 4, n. 4, 2018, p. 4.

educando precisa deixar o egocentrismo de lado, aprendendo a conviver com os semelhantes.

O teatro é um elemento que provoca o despertar da criatividade e a formação de líderes, pois quando o educando aprende a se comunicar ele também desenvolve a iniciativa. Isso é bastante positivo, pois já vai ensinando o educando a tornar-se um líder na fase adulta. Muitos deles jamais aprenderiam a liderar na idade escolar e até mesmo na vida adulta, se não tivessem passado pelas experiências teatrais. E, infelizmente, alguns adultos jamais chegarão a tornarem-se líderes por nunca terem potencializado suas qualidades através do teatro.

O ensino de Arte é identificado pela visão humanista e filosófica que acabou caracterizando as tendências tradicionalista e escolanovista. Dessa forma, ambas se contraponham quanto as suas proposições, métodos e entendimento dos papéis do professor e do discente, ficam mais claros as influências que exerceram nas ações escolares de Arte. Todas essas tendências ficaram fixas desde o início do século e ainda hoje participam das escolhas pedagógicas e estéticas de professores de Arte¹²³.

Segundo Gatti e Barreto, a organização dos diversos cursos de licenciatura e as suas matrículas são conduzidos por meio de decisões sobre o currículo da Educação Básica, empenhadas nas esferas legislativa e executiva; e reiteradas pelos Conselhos Nacionais e Estaduais de Educação. As decisões são decorrentes da disputa entre diferentes atores sociais, que pleiteiam “maior representação de determinados conhecimentos, valores, habilidades e competências no currículo”¹²⁴.

Como a Arte é um componente curricular que ainda não é exigido nos exames nacionais para mensurar o desempenho dos estudantes brasileiros, há um risco iminente dessa área do conhecimento ficar ainda mais marginalizada no currículo escolar, sendo priorizadas somente as disciplinas exigidas nessas avaliações. Esse caminho que a Arte tem sido conduzida pode gerar de maneira direta uma escassez de concursos específicos para professores das Linguagens Artísticas, e isso afetará a procura dos cursos dessa natureza na Universidade.

¹²³ SILVA, Josie Agatha Parrilha da; NASCIMENTO, Carla Emilia. Ensino de Arte: Trilhas e Caminhos Percorridos na Educação Básica e na Formação do Professor. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**, Curitiba, v. 11, n. 29, p.51-63 set./dez. 2016, p. 51.

¹²⁴ GATTI, Angelina; BARRETO, Elba de Sá. **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: Unesco, 2009, p. 68.

As ideias das autoras acabam se encontrando com as ideias de Goodson, quando comentam que o currículo educacional é o resultado de um processo moroso de fabricação social, no qual estão presentes “conflitos, rupturas e ambigüidades”¹²⁵.

A diluição da Área Arte com suas diferentes Linguagens Artísticas (Artes Visuais, Música, Teatro e Dança) na Área de Linguagem compromete a conquista da formação de professores de Arte em licenciaturas específicas, como ocorre na atualidade em diversas universidades, faculdades e centros universitários no nosso país, pois dá abertura para que profissionais licenciados em outras áreas possam lecionar Arte, como acontecia no período da Ditadura Militar¹²⁶.

Gatti e Barreto¹²⁷ reforçam que a oferta de cursos de licenciatura, dá-se “na medida em que postos de trabalho no magistério são criados em consonância com o número de discentes a atender”. Se o espaço da Arte for limitado no currículo escolar, automaticamente acaba sendo eliminada a necessidade de contratação de professores formados em Arte, pois estes poderão ser substituídos por profissionais de outras áreas, que, por sua vez, por não terem conhecimento específico, poderão reduzir o ensino da disciplina somente transformando-a em uma simples recreação, sendo utilizada para minimizar as tensões após as aulas das “disciplinas mais sérias”.

Para que haja um ensino de Arte efetivo, não se pode descartar que sejam traçadas metas de modo prescritivo, como um receituário, muito menos que seja instalado um currículo que ignora as condições mínimas necessárias para o funcionamento da aprendizagem em Arte que valorize três dimensões importantes: a criação; a percepção e a contextualização histórica da Arte¹²⁸.

As Artes podem sumir e não ter mais espaço pleno em uma Base Nacional Curricular Comum, reduzindo consideravelmente o docente a um eficiente disseminador de competências para obtenção de resultados “exitosos” nas avaliações.

¹²⁵ GOODSON, Ivor F. **Currículo, teoria e história**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 11.

¹²⁶ FARIAS, Monica Rodrigues de. As idas e voltas do ensino da arte no Brasil. *In*: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE/EDUCADORES DO BRASIL, 26., 2016, Boa Vista. **Anais** [...] Boa Vista: Universidade Federal de Roraima, 2016. p. 523.

¹²⁷ GATTI; BARRETO, 2009, p. 68.

¹²⁸ FARIAS, 2016, p. 523.

Como contempla Arroyo¹²⁹, nos encontramos caminhando para a construção de “um currículo e uma docência sem liberdade, sem possibilidade de ousadias criativas”. Diante disso, entre avanços e retrocessos destaca-se existe uma má interpretação da arte e seu ensino, e isso não é desse século, vem de longas datas. Até hoje acabamos por encontrar diversas incoerências que denunciam essa incompreensão não só de leigos, mas também de profissionais que atuam ou que conhecem bem a área.

A situação passa a se tornar ainda mais grave quando se trata de gestores ou professores de outras áreas da educação escolar, oriundos de experiências em arte insignificantes e/ou negativas ou até mesmo descontextualizadas na sua formação e, portanto, atribuindo pouco valor a esse conhecimento. Além disso, devido a total falta de contato com esses conhecimentos estéticos durante sua escolarização, havendo as exceções, felizmente.

4.3 Plano de aula: Rubem Alves e as metodologias ativas um debate a partir da leitura do livro “A Operação de Lili”

PLANO DE AULA

Data: 09/02/2024
<p>Dados de Identificação</p> <p>Professora: Leila Micaela Cavalcante dos Santos</p> <p>Disciplina: Português/Ensino Religioso</p> <p>Turma: 4º ano A</p> <p>Período: Matutino</p> <p>Duração: 90 minutos</p>
Tema

¹²⁹ ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 51.

- Rubem Alves e as metodologias ativas um debate a partir da leitura do livro "A Operação de Lili"

Objetivos:

Objetivo geral

Refletir sobre as questões metodológicas de ensino aplicada a estudantes da educação básica para o 4º ano e observou-se a necessidade de refletir e debater sobre o poder da amizade dentro de um contexto de diferenças.

Objetivos específicos:

Despertar o interesse pelos colegas;

Aguçar o sentimento de observação e a capacidade de associação;

Provocar a oralização sobre diversos sentimentos, como: medo, angústia, ciúme, tristeza, perda, troca;

Refletir sobre temas éticos e morais presentes na obra "A Operação de Lili".

Estimular a linguagem;

Discutir sobre as diferenças.

Conteúdo

- Capacidade de Associação
- Estímulo da linguagem
- As diferenças

Recursos didáticos

- Livro "A Operação de Lili" de Rubem Alves.
- Quadro branco, marcadores, cartolinas, canetas coloridas.
- Materiais de desenho e pintura.
- Projeto multimídia.

Avaliação

- Participação nas atividades de leitura e debate.
- Qualidade das produções textuais.
- Envolvimento e criatividade nas dramatizações.
- Reflexão crítica nas discussões e atividades em grupo.

Bibliografia

ALVES, Rubem Azevedo. Operação de Lili. Editora: Paulinas, São Paulo, 3ª

Edição. 1987

Ao se considerar que o discente passa a ser o centro do processo de ensino-aprendizagem, também se precisa pressupor que o mesmo deve ser constantemente estimulado. Neste ponto entra o papel do gestor junto ao professor facilitador e do material didático.

Nesse sentido o papel do professor, em parceria com o gestor, é fundamental para a realização de metodologias ativas, para que a forma de ensino-aprendizagem seja pautada o professor deve ser um colaborador na trajetória do discente. Em suma, a sala de aula, seja transformadora, um espaço físico ou virtual, passa a ser um local de colaboração e de constante reavaliação do processo de ensino-aprendizagem e, portanto, merece um olhar atento por parte do professor e do gestor escolar.

Para que os discentes estejam cada dia mais dispostos, mesmo a distância, é preciso investir em metodologias ativas.

Metodologias ativas são estratégias de ensino centradas na participação efetiva dos estudantes na construção do processo de aprendizagem, de forma flexível, interligada, híbrida. As metodologias ativas num mundo conectado e digital se expressam através de modelos de ensino híbridos, com muitas possíveis combinações. A junção de metodologias ativas com modelos flexíveis, híbridos traz contribuições importantes para a o desenho de soluções atuais para os aprendizes de hoje¹³⁰.

A aprendizagem ativa proposta para os discentes auxilia no desenvolvimento cognitivo deles, durante a realização das atividades os discentes trabalham de maneira a realizar operações mentais, tarefas diferenciadas e no ensino remoto os professores podem sugerir atividades flexivas assim como propor aprendizagens por experimentação, com o apoio das tecnologias móveis o bom professor, orientador e mentor é decisivo, porque visibiliza todo o processo de aprendizagem de cada estudante.

Nessa perspectiva de uma educação inovadora, as metodologias ativas se apresentam como uma possibilidade de superar os novos desafios colocados pela educação no Século XXI, que tem exigido habilidades

¹³⁰ MORAN, J. M. Metodologias ativas e modelos híbridos na educação. *In*: YAEGASHI, Solange *et al.* (orgs). **Novas Tecnologias Digitais**: Reflexões sobre mediação, aprendizagem e desenvolvimento. Curitiba: CRV, 2017, p. 24.

essenciais como: criatividade, imaginação e inovação, pensamento crítico e resolução de problemas, comunicação e colaboração, flexibilidade e adaptabilidade, habilidades sociais e culturais e capacidade de lidar com diferentes situações¹³¹.

As novas práticas pedagógicas de ensino, dentro desse aspecto se identificam com as metodologias ativas que desenvolvem um novo arcabouço no ensino-aprendizagem facilitando os meios comunicativos no ambiente escolar e eventualmente conquistando novos caminhos para a aprendizagem.

Em se tratando da obra de Rubem Alves “Operação de Lili” é preciso destacar que quando se trata dos sentimentos da criança, uma boa alternativa é substituir as perguntas diretas e complicadas por "conversas" com bichos de estimação, bonecos ou personagens fictícios.

O professor deve começar a história e deixar que a criança complete a mesma. Como co-autora da história, a criança consegue demonstrar seus sentimentos. Outra alternativa consiste em fazer com que a criança use seus brinquedos para reproduzir seus sentimentos. Por esses motivos as histórias conseguem proporcionar às crianças símbolos que lhes permitam falar de seus medos, receios e sensações de que foram substituídas por irmãozinhos que acabaram de chegar.

O novo é complexo para os adultos, e para as crianças também é. E é sempre mais fácil falar sobre si mesmo quando se faz uso do lúdico. Fazendo de conta que se está falando sobre sapos, flores, elefantes, etc. O autor trata do medo da dor física e algumas dificuldades enfrentadas por crianças quando deparam com um mundo estranho. É necessário que o professor faça uso da exploração do espaço para o lúdico, na sala de aula, uma vez que também está presente no dia a dia das crianças. As possibilidades de sucesso são na maioria das vezes bem significativas, quando usado pelo professor, no contexto da educação infantil o espaço físico, atraente é indispensável, chama a atenção das crianças e torna-se um elemento físico imaginário a criança consegue estabelecer relações entre o mundo, e ainda estabelece relações com as outras pessoas.

¹³¹ PANTOJA, Ana Maria **Silva. Proposta de ensino baseada nas metodologias ativas no curso superior de tecnologia.** 2019. 94f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Manaus, 2019. Disponível em: <<http://repositorio.ifam.edu.br/jspui/bitstream/4321/3111/1/Proposta%20de%20ensino%20baseada20nas%20Metodologias%20Ativas%20no%20curso%20superior%20de%20Tecnologia.pdf>> Acesso em: 03 fev. 2024, p. 39.

As salas de aulas devem estar sempre organizadas e atrativas, para chamar a atenção das crianças. Com enfeites variados, jogos a disposição, brinquedos para serem usados nos momentos de lazer.

O bom educador organiza a sala propositalmente a fim de conquistar as crianças, e fazerem com que elas possam se interessar pela escola, pela aula, proporcionar prazer, e fazer com que a criança deixa fluir a imaginação e a criatividade, deve ser acolhedor para estimular os sentimentos e a criatividade da criança.

Um livro divertido e que leva em consideração o valor das verdadeiras amizades e do respeito às diferenças é essencial para o discente. E a história em questão trata de uma elefantinha, Lili, que precisava fazer uma operação para retirar Gregório da sua tromba, seu amigo sapo, que lá foi parar após uma brincadeira.

Lili estava cheia de medos, mas uma fadinha, a Fada da Floresta, ajudou-a a superá-los fazendo-a dormir para que tivesse vários sonhos bonitos enquanto a operação acontecia. Desse modo, Lili não sentia nenhuma dor e, quando acordou, seu amigo Gregório já estava salvo, além de muito contente. Lili ficou feliz por ter salvo o amigo.

1ª Atividade aplicada

Conversa com os discentes para despertar o interesse na história. Apresenta o título, em seguida, faça alguns questionamentos:

- De que operação será que esta história tratará?
- Será uma operação feita em hospital?
- Quem será a Lili?

2ª Atividade aplicada

Após a escuta da história, conversa com os discentes propondo algumas questões para reflexão e discussão:

- O que vocês acharam da história?
- De que parte vocês mais gostaram?
- Os personagens da história eram amigos?
 - Na brincadeira Lili utilizava a tromba de que maneira?

- Depois que ela aspirou o sapo, o que aconteceu?
- Por que espirramos?

O que pode provocar o espirro além da pimenta?

- Alguém da sala já foi operado?
- Por que será que foi necessário operar a Lili?

Será que haveria outra forma de retirar o sapo de sua tromba?

- Como foi a cirurgia de Lili? Quem participou da operação?
- Vocês gostaram do final da história?
- Se vocês fossem o autor, que outro final poderia ter a história?

O momento é aproveitado para conversar com os alunos, comentando que as cirurgias são feitas quando acontece algo no nosso corpo quando ele não está saudável, mas, que não precisamos ter medo de hospitais, médicos, eles existem para cuidar de nossa saúde. Após os comentários, desenvolve-se na turma um painel cooperativo. Organizando os materiais como papel, revistas, tintas, retalhos de tecido, giz de cera, cola. As crianças acabam retratando os elementos essenciais da narrativa, através da arte, da expressão plástica, da criatividade.

3ª Atividade aplicada

Após a leitura é solicitado que falem sobre o que leram e o que acharam. (Comentários sobre o valor da amizade e como muitas das vezes não prestamos atenção ao outro)

Quais provocações surgiram?

O que sentem?

O que é ser diferente?

Como aceitar as diferenças?

Pode ainda emergir a reflexão sobre pessoas com necessidades especiais. As vezes não conseguimos perceber as diferenças entre nós e o outro e por isto deixamos de compreender muitos gestos e atitudes diferentes dos nossos.

Pedir que pensem no melhor amigo. Quem é? Como é?

O que sentem por ele(ela)? Por que acham que esta pessoa é o (a)melhor amigo(a)?

5 CONCLUSÃO

O processo educacional vem estando associado a assimilação de conceitos e aptidões, definidas por momentos e contextos históricos, e documentadas nos currículos de cada modalidade de ensino (Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio). O professor, considerado uma espécie de missionário da verdade e pragmático, treina, transfere saberes e exercita seus discentes, para que esses consigam devolver essas ações em forma de reprodução literal, avaliações individuais, validada e avaliada uniformemente por meio de mensuração quantitativa. Não há espaço para que questionamentos e, muito menos, para divergências. “Parece que as escolas são máquinas de moer carne: numa extremidade entram as crianças com suas fantasias e seus brinquedos. Na outra saem rolos de carne moída, todos iguais, prontos para o consumo, ‘formados’ em adultos produtivos”.

Durante o estudo, pode-se compreender que segundo Rubem, se os discentes liam porque o professor mandasse, o interesse deles não seria na mesma proporção que se o educador criasse um momento especial dedicado a ler para seus estudantes da educação infantil – um exemplo é quando os pais leem para os filhos antes de dormir –, criando uma conexão que com o passar do tempo poderia ser fortalecida. Essa maneira de proporcionar a educação um olhar alegre e afetivo fez de Rubem Alves um dos mais admirados professores de educação que surgiram nos últimos tempos, tendo formado diversas gerações de profissionais que não apenas aceitam conteúdos, mas que são questionadores, que seguiram a trajetória desse autor para lutar por uma escola mais humana.

Em relação a espiritualidade, ficou esclarecido que não existe sem a entrega paciente à ascese, ou seja, ao rigoroso auto trabalho. A legitimidade da docência, nesse contexto, não se resume a impor regras aos indivíduos, prescrevendo qual seria o modo ideal de viver, mas sim em reiterar incessantemente que a verdadeira essência do ensino reside na incorporação ética de nossas convicções.

Os educadores desempenham um papel fundamental na promoção do desenvolvimento integral dos discentes, estabelecendo relações de confiança e proporcionando apoio emocional. Se percebe a necessidade de uma abordagem educacional que integre elementos emocionais, estéticos e afetivos, tornando o processo de aprendizado mais significativo e envolvente. Essa abordagem não apenas enriquece a educação, mas também prepara os discentes para uma

compreensão mais profunda e sensível do mundo ao seu redor, capacitando-os a se tornarem cidadãos mais engajados e reflexivos.

Além disso, famílias, educandos e educadores acabam passando por diversas insatisfações e frustrações no que diz respeito à educação nesse formato. A criança e o jovem não conseguem representar a projeção exemplar de estudante e carregam, também, percepções negativas acerca da escola: o ensino é chato, difícil, cansativo e sem sentido, e o aprendizado é falho, deficiente, desgostoso, com finalidade exclusiva de aprovação. Rubem Alves já alertava que “quem está concentrado na obrigação de passar não tem condições de se concentrar no prazer de aprender”, mas parece que a escola ainda não acordou para essa realidade.

Os Pilares Aprender a Conhecer e Aprender a Fazer constituem uma relação relevante entre si, ainda que Aprender a Fazer esteja mais relacionado ao âmbito da formação profissional, mas não restrito a ele. As mudanças que ocorreram no mundo do trabalho contemporâneo passaram a transformar completamente as qualificações exigidas pelos processos produtivos. Caracteriza-se um movimento que a literatura intitula “desmaterialização do trabalho”. O fazer deixou de ser somente instrumental. O que de fato é valorizado é a competência pessoal, que torna a pessoa com capacidade suficiente para enfrentar novas situações, e não apenas a restrita qualificação profissional. Não basta se preparar para fazer parte do mercado produtivo. A constante evolução pela qual passam as profissões exige não somente pessoas com níveis superiores de instrução, mas que o indivíduo seja capaz de fato para enfrentar novas situações nas quais trabalhar em equipe de modo cooperativo, gerenciar e resolver conflitos, desenvolver espírito em prol da contribuição e atitude de humildade se tornam valores que não podem faltar nesse trabalho coletivo.

Os resultados ora apontados no estudo mostram que Alves realiza um apontamento em relação ao sistema educacional pelo fato do mesmo se ater unicamente à esfera intelectual na busca de responder às demandas colocadas por uma racionalidade funcional. Assim, essa realidade fica vinculada à ordem social e econômica existente, com uma única preocupação em realizar o princípio da produtividade e do desempenho, fundamentos que norteiam a nossa ordem econômica, cultural e social. Nela, o ser humano aparece como uma peça na engrenagem e a vida é submetida à tortura de uma lógica que não lhe deixa

desenvolver suas potencialidades, usando nem de sua liberdade e muito menos de sua criatividade.

Conclui-se que uma educação com foco somente em preparar pessoas para desempenhar funções, em transmitir conteúdo culturais, doméstica, deforma, desumaniza não é válida. Alves nunca negou a importância da cultura e de sua transmissão, muito menos da cultura estabelecida e a necessidade dela para nossa inserção no mundo humano, para que possamos usufruí-la em função nossa sobrevivência.

Nesse sentido, para fortalecer o ensino, a relação professor e discente, a liberdade de ambos, toda as metodologias de ensino precisam ser diversas, plurais e criativas, de responsabilidade de um coletivo de educadores e não de professores que se isolam sozinhos e ficam fechados por horas em suas salas de aula. No fundo, as metodologias direcionadas a educação e teologia nos mostram que não existem limites nas formas de aprender e ensinar, porque os humanos também são infinitos em sua capacidade de criar variadas formas de aprender. Aqui finalmente mostra-se a importância do conceito de Educação Integral.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa; BUECKE, Jane Elisa Otomar. **A Educação no Brasil Colonial**: revisão bibliográfica e caminhos para pesquisas na Amazônia. 2019. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) (Pós-Graduação em Educação) - Universidade do Estado do Pará (UEPA), Belém/PA, Brasil., 2020.
- ALVES, Ana Beatriz Moreira. **Educação integral**: revisitando uma experiência pedagógica com dispositivos democráticos. 2019. 70f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade de Brasília, Faculdade de Educação,. Brasília, 2019.
- ALVES, Rubem. **Alegria de ensinar**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.
- ALVES, Rubem. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. Campinas, SP: Papyrus, 2001; Porto: Edições Asa, 2002.
- ALVES, Rubem. **Estórias de quem gosta de ensinar**. 16. ed. São Paulo: Cortez, 1993.
- ALVES, Rubem. **Estórias de quem gosta de ensinar**. 13. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2013,
- ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, 1980.
- ALVES, Rubem. **Sete Vezes Rubem**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.
- ALVES, Rubem. **Por uma educação romântica**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 2002.
- ANDRIES, André Luiz Fernandes. **Rubem Alves e a contracultura**. 2022. 15f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2022.
- ANJOS, Eline dos. Rubem Alves e as metodologias ativas um debate a partir da leitura comparada dos livros “sala de aula invertida” e “conversa com quem gosta de ensinar”. **Revista Científica – COSMOPOLITA em Ação**, v. 3, n. 2, 2016.
- ANTUNES, C. **A prática dos quatro pilares da educação na sala de aula**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- ARAGÃO, Rosália Maria Ribeiro de. **Teoria da aprendizagem significativa de David P. Ausubel**: sistematização dos aspectos teóricos fundamentais. 1976. 97f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1976.
- ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

AUSUBEL, David Paul; NOVAK, Joseph D; HANESIAN, Helen. **Psicologia educacional**. Tradução de Eva Nick. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

BARCELLOS, Eliana Cristina Caporale. **Uma teologia do corpo no retrato de Dorian Gray**: uma análise da finitude e da vaidade na perspectiva do pensamento de Rubem Alves. 2020. 190f. Tese (Doutorado em Teologia) – Faculdades EST. São Leopoldo, 2020.

BRUST, Josiane Regina. **A influência da afetividade no processo de aprendizagem de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental**. 2009. 44f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

CARVALHO, Marcelo; FIGUEIREDO, Vinicius (orgs.). **Filosofia contemporânea: Arte, Ciências Humanas, Educação e Religião**. São Paulo: ANPOF, 2013.

DELORS, Jacques (org.). **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez, 1997.

DELORS, Jacques (org.). **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI; Tradução: José Carlos Eufrazio. UNESCO: Publicação MEC, 1998.

FARIAS, Monica Rodrigues de. As idas e voltas do ensino da arte no Brasil. *In*: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE/EDUCADORES DO BRASIL, 26., 2016, Boa Vista. **Anais** [...] Boa Vista: Universidade Federal de Roraima, 2016.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 14. ed. São Paulo: Editora Edusp 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GANDIN, Danilo. **A prática do planejamento participativo: na educação e em outras instituições, grupos e movimentos dos campos cultural, social, político, religioso e governamental**. Petrópolis: Vozes, 1995.

GATTI, Angelina; BARRETO, Elba de Sá. **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: Unesco, 2009.

GOODSON, Ivor F. **Currículo, teoria e história**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GOES, Aline de. **“Tornar o aluno crítico”**: enunciado (in)questionável no discurso da educação matemática escolar. 2015. 189f. Dissertação (Mestrado em Educação Científica e Tecnológica) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, Florianópolis, 2015.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias**: o novo ritmo da informação. Campinas: Papiros, 2007.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990.

LUCKESI, C. C. **Filosofia e Educação**. São Paulo; Cortez, 1994.

MANHÃES, Mariana Mattos. **Por uma educação romântica de Rubem Alves**: investigando as contribuições e perspectivas da obra com os alunos do curso de licenciatura em química. 2016. 78f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Química) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Campos dos Goytacazes/RJ, 2016.

MENEZES, Lúcia de. As contribuições de Rubem Alves para o Ensino Religioso. **Revista Unitas**, v. 5, n. 2 (n. especial), 2017.

MORAN, J. M. Metodologias ativas e modelos híbridos na educação. *In*: YAEGASHI, Solange *et al.* (orgs). **Novas Tecnologias Digitais**: Reflexões sobre mediação, aprendizagem e desenvolvimento. Curitiba: CRV, 2017, p. 23-35.

MOREIRA, Marco Antonio. **O que é afinal aprendizagem significativa?** Porto Alegre: Instituto de Física - UFRGS, 2010.

NASCIMENTO, Josiele; SANTOS, Maria Goretti Teresinha dos Santos e. **Vida e obra de Rubem Alves**: visões e contribuições para a educação. 2019. 10f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Centro Universitário do Cerrado. Patrocínio, MG: UNICERP. 2019.

NUNES, Antônio Vidal. **Fundamentos filosóficos da educação**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Núcleo de Educação Aberta e à Distância, 2010.

NUNES, Luiza de Freitas. De Platão a Rubem Alves: Eros na educação contemporânea. **Filosofia e Educação** – RFE, Campinas, v. 9, n. 3, p. 101–119, out. 2017.

PANTOJA, Ana Maria **Silva**. **Proposta de ensino baseada nas metodologias ativas no curso superior de tecnologia**. 2019. 94f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Manaus, 2019. Disponível em: <http://repositorio.ifam.edu.br/jspui/bitstream/4321/311/1/Proposta%20de%20ensino%20baseada20nas%20Metodologias%20Ativas%20no%20curso%20superior%20de%20Tecnologia.pdf>, Acesso em: 03 fev. 2024.

PEIXOTO, Enock da Silva. A vida como concepção educativa no pensamento de Rubem Alves e Ortega Y Gasset. **Saberes**, Natal RN, v. 18, n. 1, Maio 2018.

PEREIRA, Gerson Lourenço. A liturgia do ensino: a espiritualidade nas reflexões sobre educação de Rubem Alves. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, p. 127-139, jul./dez. 2018.

PINHEIRO, Wellington Duarte. **O pensamento pedagógico-espiritualista de Rubem Alves e sua contribuição à formação do educador na contemporaneidade**. Recife: O Autor, 2015.

PINHEIRO, Wellington Duarte. Educação popular e o pensamento de Rubem Alves: contribuições para refletir a tarefa pedagógica do educador na contemporaneidade. *In*: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 38., 2017, São Luís. **Anais [...]** São Luís, MA: UFMA, 2017. Trabalho 1254.

RAMALDES, Cinthia Rosana; ERAS, Edilene; LAGES, Elizabeth Dias L. **A educação integral e o programa escola integrada: uma preciosa atuação de extensão da FAE UEMG e suas possibilidades formativas**. Belo Horizonte: Editora EDUEMG, 2017.

REBLIN, Iuri Andréas. **Outros cheiros, outros sabores...: o pensamento teológico de Rubem Alves**. 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2014.

REBLIN, Iuri Andréas. A contribuição de Rubem Alves para o estudo da teologia na arte sequencial: anotações de um fragmento de mosaico misturadas com biografia. **REFLEXUS - Revista Semestral de Teologia e Ciências das Religiões**, v. 8, n. 12, p. 155-168, 2014.

SAITO, Leila Miyuki; DIAS, Silas Barbosa. Os quatro pilares da educação nas organizações de aprendizagem. **Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa**, [S.l.], v. 28, n. 54, p. 133-141, jul. 2018.

SELL, S. Educação no Brasil: o dualismo arraigado desde o Brasil-Império e o movimento de ruptura a partir do Ensino Médio Integrado dos Institutos Federais. **Revista Educação e Emancipação**, v. 12, n. 1, p. 118-142, 2019.

SILVA, Jeane Oliveira Ramos da. **Proposta de utilização da metodologia problematizadora norteadora pela pedagogia crítica-libertadora nas ações de educação em saúde para as DCNT**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Linhas de Cuidado em Enfermagem: DCNT) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

SILVA, Antonio Ozaí da. A Teologia de Rubem Alves. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 105, fev. 2010.

SILVA, Maria de Jesus Reis. Rubem Alves: educação e religião. **Revista Unitas**, v. 9, n. 1, 2021.

SILVA, Maria de Jesus Reis; ANJOS, Maria do Perpétuo Socorro Ferreira dos. Rubem Alves: educação x religião. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 11, e186101119525, 2021.

SILVA, Maria Eliza Rocha. Os Jesuítas como precursores da educação brasileira. *In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – CONEDU, 7.*, 2020, Maceió. **Anais** [...]. Campina Grande: Realize Eventos Científicos, 2020.

SILVA, Rômulo Davi da. Os quatro pilares da educação como ideias guias para a psicopedagogia contemporânea. **Revista TC Brasil**, João Pessoa, v. 1, n. 2, p. 252-278, 2017.

SILVA, Josie Agatha Parrilha da; NASCIMENTO, Carla Emilia. Ensino de Arte: trilhas e caminhos percorridos na educação básica e na formação do professor. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**, Curitiba, v. 11, n. 29, p.51-63 set./dez. 2016.

SOUZA, Juliana Campoy Miranda De; LUFT, Hedi Maria. O pilar da educação “aprender a conviver”, pode ser explorado através do teatro? **Salão do Conhecimento**, [S. l.], v. 4, n. 4, 2018.

SOUZA, Wagner Faria de. Aprender brincando em pleno século XXI: o uso da robótica educacional no processo ensino aprendizagem em um diálogo com pensamento teológico-educacional de Rubem Alves. 2018. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação, Faculdades EST, São Leopoldo, 2018.

SOUZA, Everton Aparecido Moreira de. **História da Educação no Brasil: O Elitismo e a Exclusão no Ensino**. 2018. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.

ZARATINI, Paulo Fernando. Experimentação em óptica nas séries iniciais do ensino fundamental: uma compreensão fenomenológica. 2014. **Dissertação** (Mestrado em Ensino de Ciência e Tecnologia) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2014.

ZUBEN, Newton Aquiles von. Rubem Alves, Teólogo da Esperança. **Filosofia e Educação**, Campinas, v. 7, n. 1, p. 15-24, fev. / maio 2015.